

Obras Póstumas



Allan Kardec

PARTE I
CAPÍTULO II – MANIFESTAÇÕES DOS ESPÍRITOS

Índice

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo II)

Assunto	Origem	Pagina
1. Caráter e conseqüências religiosas das Manifestações Espíritas	Obras Póstumas	03
Em lembrança do aspecto religioso do Espiritismo	O Consolador	05
2. O perispírito, princípio das manifestações	Obras Póstumas	07
O Livro dos Médiuns	O Consolador	09
3. Manifestações Visuais	Obras Póstumas	11
O Livro dos Médiuns	O Consolador	13
Obras Póstumas	O Consolador	14
4. Transfiguração. Invisibilidade	Obras Póstumas	16
Transfiguração	O Consolador	17
A Transfiguração no Tabor	O Consolador	18
5. Emancipação da alma	Obras Póstumas	19
Emancipação da alma, animismo e mediunidade onde termina um fenômeno e começa o outro?	O Consolador	22
6. Aparição de pessoas vivas. Bicornporeidade	Obras Póstumas	25
O Livro dos Médiuns	O Consolador	26
Obras Póstumas	O Consolador	27
7. Dos Médiuns	Obras Póstumas	28
A influência dos Médiuns na comunicação	O Consolador	34
O Médiun: conceito e classificação	O Consolador	36
8. Obsessão e possessão	Obras Póstumas	38
Possessão e Obsessão	O Consolador	42

Parte I

Capítulo II – Manifestações dos Espíritos

I – Caráter e consequências religiosas das Manifestações Espíritas

1. As almas ou Espíritos dos que aqui viveram constituem o mundo invisível que povoa o espaço e no meio do qual vivemos. Daí resulta que, desde que há homens, há Espíritos e que, se estes últimos têm o poder de manifestar-se, devem tê-lo tido em todas as épocas. É o que comprovam a história e as religiões de todos os povos. Entretanto, nestes últimos tempos, as manifestações dos Espíritos assumiram grande desenvolvimento e tomaram um caráter mais acentuado de autenticidade, porque estava nos desígnios da Providência pôr termo à praga da incredulidade e do materialismo, por meio de provas evidentes, permitindo que os que deixaram a Terra viessem atestar sua existência e revelar-nos a situação ditosa ou infeliz em que se encontravam.

2. Vivendo o mundo visível em meio do mundo invisível, com o qual se acha em contacto perpétuo, segue-se que eles reagem incessantemente um sobre o outro, reação que constitui a origem de uma imensidade de fenômenos, que foram considerados sobrenaturais, por se não lhes conhecer a causa.

A ação do mundo invisível sobre o mundo visível e reciprocamente é uma das leis, uma das forças da Natureza, tão necessária à harmonia universal, quanto a lei de atração.

Se ela cessasse, a harmonia estaria perturbada, conforme sucede num maquinismo, donde se suprime uma peça. Derivando de uma lei da natureza semelhante ação, nada têm, evidentemente, de sobrenaturais os fenômenos que ela opera. Pareciam tais, porque desconhecida era a causa que os produzia. O mesmo se deu com alguns efeitos da eletricidade, da luz, etc.

3. Todas as religiões têm por base a existência de Deus e por fim o futuro do homem depois da morte. Esse futuro, que é de capital interesse para a criatura, se acha necessariamente ligado à existência do mundo invisível, pelo que o conhecimento desse mundo há constituído, desde todos os tempos, objeto de suas pesquisas e preocupações. A atenção do homem foi naturalmente atraída pelos fenômenos que tendem a provar a existência daquele mundo e nenhuns houve jamais tão concludentes, como os das manifestações dos Espíritos por meio das quais os próprios habitantes de tal mundo revelaram suas existências. Por isso foi que esses fenômenos se tornaram básicos para a maior parte dos dogmas de todas as religiões.

4. Tendo instintivamente a intuição de uma potência superior, o homem foi sempre levado, em todos os tempos, a atribuir à ação **direta** dessa potência os fenômenos cuja causa lhe era desconhecida e que passavam, a seus olhos, por prodígios e efeitos sobrenaturais. Os incrédulos consideram essa tendência uma consequência da predileção que tem o homem pelo maravilhoso; não procuram, porém, a origem desse amor do maravilhoso. Ela, no entanto, reside muito simplesmente na intuição mal definida de uma ordem de coisas extracorpóreas. Com o progresso da Ciência e o conhecimento das leis da Natureza, esses fenômenos passaram pouco a pouco do domínio do maravilhoso para o dos efeitos naturais, de sorte que o que outrora parecia sobrenatural já não o é hoje e o que ainda o é hoje não mais o será amanhã.

Os fenômenos decorrentes da manifestação dos Espíritos forneceram, pela sua natureza mesma, larga contribuição aos fatos reputados maravilhosos. Tempo, contudo, viria em que, conhecida a lei que os rege, eles entrariam, como os outros, na ordem dos fatos naturais. Esse tempo chegou e o Espiritismo, dando a conhecer essa lei, apresentou a chave para a interpretação da maior parte das passagens incompreendidas das Escrituras sagradas que a isso aludem e dos fatos tidos por miraculosos.

5. O caráter do fato miraculoso é ser insólito e excepcional; é uma derrogação das leis da Natureza. Desde, pois, que um fenômeno se reproduz em condições idênticas, segue-se que está

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo II)

submetido a uma lei e, então, já não é miraculoso. Pode essa lei ser desconhecida, mas, por isso, não é menos real a sua existência. O tempo se encarregará de revelá-la.

O movimento do Sol, ou, melhor, da Terra, sustado por Josué, seria um verdadeiro milagre, porquanto implicaria a derrogação manifesta da lei que rege o movimento dos astros. Mas, se o fato pudesse reproduzir-se em dadas condições, é que estaria sujeito a uma lei e deixaria, conseqüentemente, de ser milagre.

6. É errôneo assustar-se a Igreja com o fato de restringir-se o círculo dos fatos miraculosos, porquanto Deus prova melhor o seu poder e a sua grandeza por meio do admirável conjunto de suas leis, do que por algumas infrações dessas mesmas leis. E tanto mais errôneo é o seu temor, quanto ela atribui ao demônio o poder de operar prodígios, donde resultaria que, podendo interromper o curso das leis divinas, o demônio seria tão poderoso quanto Deus. Ousar dizer que o Espírito do mal pode suspender o curso das leis de Deus é blasfêmia e sacrilégio.

Longe de perder qualquer coisa de sua autoridade por passarem os fatos qualificados de milagrosos à ordem dos fatos naturais, a religião somente pode ganhar com isso; primeiramente, porque, se um fato é tido falsamente por miraculoso, há aí um erro e a religião somente pode perder, se se apoiar num erro, sobretudo se se obstinasse em considerar milagre o que não o seja; em segundo lugar, porque, não admitindo a possibilidade dos milagres, muitas pessoas negam os fatos qualificados de milagrosos, negando, conseqüentemente, a religião que em tais fatos se estriba.

Se, ao contrário, a possibilidade dos mesmos fatos for demonstrada como efeitos das leis naturais, já não haverá cabimento para que alguém os repila, nem repila a religião que os proclame.

7. Nenhuma crença religiosa, por lhes ser contrária, pode infirmar os fatos que a Ciência comprova de modo peremptório.

Não pode a religião deixar de ganhar em autoridade acompanhando o progresso dos conhecimentos científicos, como não pode deixar de perder, se se conservar retardatária, ou a protestar contra esses mesmos conhecimentos em nome dos seus dogmas, visto que nenhum dogma poderá prevalecer contra as leis da Natureza, ou anulá-las. Um dogma que se funde na negação de uma lei da Natureza não pode exprimir a verdade.

O Espiritismo, que se funda no conhecimento de leis até agora incompreendidas, não vem destruir os fatos religiosos, porém sancioná-los, dando-lhes uma explicação racional. Vem destruir apenas as falsas conseqüências que deles foram deduzidas, em virtude da ignorância daquelas leis, ou de as terem interpretado erradamente.

8. A ignorância das leis da Natureza, com o levar o homem a procurar causas fantásticas para fenômenos que ele não compreende, é a origem das idéias supersticiosas, algumas das quais são devidas aos fenômenos espíritas mal compreendidos.

O conhecimento das leis que regem os fenômenos destrói essas idéias supersticiosas, encaminhando as coisas para a realidade e demonstrando, com relação a elas, o limite do possível e do impossível.

Crônicas e Artigos

259 – 06/05/2012

O Consolador – (Orson Peter Carrara)

**I – CARÁTER E CONSEQUÊNCIAS RELIGIOSAS DAS
MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS**

Em lembrança do aspecto religioso do Espiritismo

Veza por outra surgem polêmicas e discussões inúteis sobre o caráter religioso do Espiritismo, esquecidos os protagonistas de defesas exclusivas do aspecto científico em detrimento do aspecto religioso, da existência do tríplice aspecto da Doutrina Espírita, tão claro para os que estudam o Espiritismo. Verdadeiramente causaremos enorme prejuízo ao entendimento doutrinário dos postulados espíritas se desejarmos excluir ou mesmo marginalizar o fundamental aspecto da moral religiosa em nossos estudos, reflexões e esforços para divulgação do Espiritismo.

Kardec abordou a temática muitas vezes e Emmanuel, Espírito, entre outros autores, se postou firme em defesa do aspecto religioso de nossa incomparável Doutrina Espírita. Claro que ela tem embasamento científico, desdobramentos filosóficos e, não há, qualquer dúvida, suas inevitáveis consequências religiosas. Como negar isso?

No livro Emmanuel, do Espírito Emmanuel, na psicografia de Chico Xavier, e de edição da FEB, diz o nobre benfeitor em seu capítulo IV, com o significativo título A Base Religiosa:

“No futuro, viverá a humanidade fora desse ambiente de animosidade entre a ciência e a religião e julgo mesmo que em nenhuma civilização pode a primeira substituir a segunda.

Uma e outra se completam no processo de evolução de todas as almas para o Criador.

As suas aparentes antinomias, que derivam, na atualidade, da compreensão deficiente do homem, em face dos problemas transcendentais da vida, serão eliminadas, dentro do estudo, da análise e do raciocínio.”.

Destaco pequenos trechos do valioso capítulo e peço ao leitor consultá-lo na íntegra. Parece que estamos esquecidos de tão importantes reflexões. No subtítulo seguinte O Tóxico do Intelectualismo, pondera o autor espiritual:

“Nos tempos modernos, mentalidades existem que pugnam pelo desaparecimento das noções religiosas do coração dos homens, saturadas do cientificismo do século e trabalhadas por ideias excêntricas, sem perceberem as graves responsabilidades dos seus labores intelectuais, porquanto não de colher o fruto amargo das **sementes que plantaram nas almas jovens e indecisas.**”.

E prossegue no que podemos considerar autêntica advertência:

“Pede-se uma educação sem Deus, o aniquilamento da fé, o afastamento das esperanças numa outra vida, a morte da crença nos poderes de uma providência estranha aos homens. Essa tarefa é inútil. Os que se abalançam a sugerir semelhantes empresas podem ser dignos de respeito e admiração, quando se destacam por seus méritos científicos, mas assemelham-se a alguém que tivesse a fortuna de obter um oásis entre imensos desertos. Confortados e satisfeitos em sua felicidade ocasional, não veem as **caravanas inumeráveis de infelizes, cheias de sede e fome,** transitando sobre as areias ardentes.”

Claro, é fácil descartar o aspecto da moral religiosa, que inclui a fé – ainda que em diferentes manifestações na cultura popular – quando estamos satisfeitos materialmente. E pondera nos tópicos seguintes, que peço ao leitor consultar na íntegra, face à clareza de suas expressões:

“O sentimento religioso é a base de todas as civilizações. Preconiza-se uma educação pela inteligência, concedendo-se liberdade aos impulsos naturais do homem. A experiência fracassaria. É ocioso acrescentar que me refiro aqui à **moral religiosa, que deverá inspirar a formação do caráter e do instituto da família** e não ao sectarismo do círculo estreito das igrejas terrestres, que costumam envenenar, aí no mundo, o ambiente das escolas públicas, onde deverá prevalecer sempre o mais largo critério de liberdade do pensamento.”

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo II)

Sobre a falibilidade humana, diz o conhecido Espírito:

“Em cada século o progresso científico renova a sua concepção acerca dos mais importantes problemas da vida. Raramente os verdadeiros sábios são compreendidos por seus contemporâneos. Se as contradições dos estudiosos são o sinal de que a Ciência evolve sempre, elas atestam, igualmente, a fraqueza e inconsistência dos seus conhecimentos e a falibilidade humana”.

E conclui com farto material para nossa reflexão:

“Diz-se que o pensamento religioso é uma ilusão. Tal afirmativa carece de fundamento. Nenhuma teoria científica, nenhum sistema político, nenhum programa de reeducação pode roubar do mundo a ideia de Deus e da imortalidade do ser, inatas no coração dos homens.

A religião viverá entre as criaturas, instruindo e consolando, **como um sublime legado**.

O que se faz preciso, em vossa época, é estabelecer a diferença entre religião e religiões.

A religião é o sentimento divino que prende o homem ao Criador.

As religiões são organizações dos homens, falíveis e imperfeitas como eles próprios”.

Mas busquemos Kardec. É na Conclusão de O Livro dos Espíritos, item V, que afirma o Codificador em meio a importantes considerações: “O Espiritismo é forte porque ele se apoia sobre as próprias bases da Religião”. E no item VII, comentando os efeitos sobre os que compreendem o Espiritismo, comenta com muita propriedade: “o primeiro, e o mais geral, é desenvolver o sentimento religioso”.

Não é preciso continuar. Tais transcrições desdobram estudos amplos e oportunidades valiosas de raciocínio, entre outras tantas disponíveis no pensamento de Kardec e no ensino dos Espíritos. É verdade que a palavra religião sofreu desgastes, mas isso não invalida, de forma alguma, sua extrema utilidade na vida humana, os benefícios que espalha, as lúcidas orientações que oferece a tanta gente, independente de crença. Como vamos desprezar isso, como desconsiderar aspecto tão genuíno, tão marcante na própria índole do Espiritismo? Afinal, o próprio Kardec afirmou na Revista Espírita, de dezembro de 1868, que “A caridade é a alma do Espiritismo”. Caridade que também é ciência e filosofia, mas essencialmente é originária da moral religiosa.

Estamos perdendo muito tempo com discussões inúteis, que só desviam de foco a proposta viva de renovação moral trazida pelo Espiritismo. Ninguém deverá desprezar a Ciência, como o próprio Kardec propôs, mas igualmente não deveremos desprezar a Religião e a Filosofia, aspectos inseparáveis do magnífico Pentateuco Espírita.

Será muito oportuno, para o tema, retermos a Conclusão de O Livro dos Espíritos, na íntegra, e com a devida atenção que o assunto requer.

II – O perispírito, princípio das manifestações

9. Os Espíritos, como já foi dito, têm um corpo fluídico, a que se dá o nome de **perispírito**. Sua substância é haurida do fluido universal ou cósmico, que o forma e alimenta, como o ar forma e alimenta o corpo material do homem. O perispírito é mais ou menos etéreo, conforme os mundos e o grau de depuração do Espírito. Nos mundos e nos Espíritos inferiores, ele é de natureza mais grosseira e se aproxima muito da matéria bruta.

10. Durante a encarnação, o Espírito conserva o seu perispírito, sendo-lhe o corpo apenas um segundo envoltório mais grosseiro, mais resistente, apropriado aos fenômenos a que tem de prestar-se e do qual o Espírito se despoja por ocasião da morte.

O perispírito serve de intermediário ao Espírito e ao corpo. É o órgão de transmissão de todas as sensações.

Relativamente às que vêm do exterior, pode-se dizer que o corpo recebe a impressão; o perispírito a transmite e o Espírito, que é o ser sensível e inteligente, a recebe. Quando o ato é de iniciativa do Espírito, pode dizer-se que o Espírito quer, o perispírito transmite e o corpo executa.

11. O perispírito não se acha encerrado nos limites do corpo, como numa caixa. Pela sua natureza fluídica, ele é expansível, irradia para o exterior e forma, em torno do corpo, uma espécie de atmosfera que o pensamento e a força da vontade podem dilatar mais ou menos. Daí se segue que pessoas há que, sem estarem em contacto corporal, podem achar-se em contacto pelos seus perispíritos e permutar a seu mau grado impressões e, algumas vezes, pensamentos, por meio da intuição.

12. Sendo um dos elementos constitutivos do homem, o perispírito desempenha importante papel em todos os fenômenos psicológicos e, até certo ponto, nos fenômenos fisiológicos e patológicos. Quando as ciências médicas tiverem na devida conta o elemento espiritual na economia do ser, terão dado grande passo e horizontes inteiramente novos se lhes patentearão. As causas de muitas moléstias serão a esse tempo, descobertas e encontrados poderosos meios de combatê-las.

13. Por meio do perispírito é que os Espíritos atuam sobre a matéria inerte e produzem os diversos fenômenos mediúnicos. Sua natureza etérea não é que a isso obstará, pois se sabe que os mais poderosos motores se nos deparam nos fluidos mais rarefeitos e nos mais imponderáveis. Não há, pois, motivo de espanto quando, com essa alavanca, os Espíritos produzem certos efeitos físicos, tais como pancadas e ruídos de toda espécie, levantamento, transporte ou lançamento de objetos. Para explicarem-se esses fatos, não há porque recorrer ao maravilhoso, nem ao sobrenatural.

14. Atuando sobre a matéria, podem os Espíritos manifestar-se de muitas maneiras diferentes: por efeitos físicos, quais os ruídos e a movimentação de objetos; pela transmissão do pensamento, pela visão, pela audição, pela palavra, pelo tato, pela escrita, pelo desenho, pela música, etc. Numa palavra, por todos os meios que sirvam a pô-los em comunicação com os homens.

15. Podem ser espontâneas ou provocadas as manifestações dos Espíritos. As primeiras dão-se inopinadamente e de improviso. Produzem-se, muitas vezes, entre pessoas de todo estranhas às idéias espíritas. Nalguns casos e sob o império de certas circunstâncias, pode a vontade provocar as manifestações, sob a influência de pessoas dotadas, para tal efeito, de faculdades especiais. As manifestações espontâneas sempre se produziram, em todas as épocas e em todos os países. Sem dúvida, já na antiguidade se conhecia o meio de as provocar; mas, esse meio constituía privilégio de certas castas que somente a raros iniciados o revelavam, sob condições rigorosas, escondendo-o ao vulgo, a fim de o dominar pelo prestígio de um poder oculto. Ele, contudo, se perpetuou, através das idades até aos nossos dias, entre alguns indivíduos, mas quase sempre

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo II)

desfigurado pela superstição, ou de mistura com as práticas ridículas da magia, o que contribuiu para o desacreditar. Nada mais fora até então senão germens lançados aqui e ali. A Providência reservara para a nossa época o conhecimento completo e a vulgarização desses fenômenos, para os expurgar das ligas impuras e torná-los úteis ao melhoramento da Humanidade, madura agora para os compreender e lhes tirar as consequências.

Estudo Metódico do Pentateuco Kardequiano II – O PERISPÍRITO, PRINCÍPIO DAS MANIFESTAÇÕES

262 – 27/05/2012

O Consolador – (Astolfo O. De Oliveira Filho)

O Livro dos Médiuns

111. Uma propriedade inerente à natureza etérea do perispírito é a penetrabilidade. Matéria nenhuma lhe opõe obstáculo: ele as atravessa todas, como a luz atravessa os corpos transparentes.

(Item 106)

112. O perispírito é, como já foi dito, o princípio de todas as manifestações. O conhecimento dele foi a chave da explicação de uma imensidade de fenômenos e permitiu que a ciência espírita desse largo passo, tirando-lhe todo o cunho de maravilhosa.

(Item 109)

113. Como pode o corpo viver, enquanto está ausente o Espírito? O corpo vive a vida orgânica, que independe do Espírito, e a prova é que as plantas vivem e não têm espírito. Mas é preciso acrescentar que, durante a vida, nunca o Espírito se acha completamente, separado do corpo.

Os médiuns videntes e os Espíritos reconhecem o Espírito de uma pessoa viva, por um rastro luminoso, que termina no corpo, fenômeno que absolutamente não se dá quando este está morto, porque então a separação é completa.

(Item 118)

114. Isolado do corpo, o Espírito de uma pessoa viva pode, como o de um morto, mostrar-se com todas as aparências da realidade e mesmo adquirir momentânea tangibilidade. É o fenômeno conhecido pelo nome de bicorporeidade.

(Item 119)

115. Santo Afonso de Liguori foi canonizado antes do tempo prescrito, por se haver mostrado simultaneamente em dois lugares diversos, o que passou por milagre. Santo Antônio de Pádua estava pregando na Itália, quando seu pai, em Lisboa, ia ser supliciado. No momento da execução, Santo Antônio apareceu e demonstrou a inocência do acusado. Comprovou-se que naquele instante Santo Antônio pregava em Pádua.

(Item 119)

116. O Espírito de Santo Afonso, interrogado por Kardec, explicou que o Espírito, achando-se desprendido da matéria, conforme o grau de sua elevação, pode tornar-se tangível.

(Item 119, pergunta 2)

117. Tácito refere que Vespasiano recebeu em Alexandria a visita de Basílides, um dos mais eminentes egípcios de sua época, que ele sabia estar doente em lugar distante de Alexandria. No momento da visita de Basílides, este estava a oitenta milhas de distância, conforme pôde ser comprovado, depois, por emissários de Vespasiano.

(Item 120)

118. Tem, pois, dois corpos o indivíduo que se mostra simultaneamente em dois lugares diferentes. Mas um deles apenas é real, o outro é simples aparência. O primeiro tem a vida orgânica, o segundo tem a vida da alma. Daí resulta que o corpo aparente não poderia ser morto, porque não é orgânico, não é formado de carne e osso. Ele desapareceria no momento em que o quisessem matar.

(Item 121)

119. O Espírito pode dar ao seu perispírito todas as aparências, e, mediante uma modificação na disposição molecular, pode dar-lhe a visibilidade, a tangibilidade e a opacidade. O perispírito de

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo II)

uma pessoa viva, isolado do corpo, é passível das mesmas transformações. Essa mudança de estado se opera pela combinação dos fluidos.

(Item 123)

120. A diferença de peso que se observa, às vezes, nos fenômenos de transfiguração, explica-se assim: O peso intrínseco do corpo não varia, porque não aumenta nele a quantidade de matéria. Ele sofre, porém, a influência de um agente exterior, que pode aumentar ou diminuir seu peso relativo.

(Item 123)

III – Manifestações Visuais

16. Por sua natureza e em seu estado normal, o perispírito é invisível, tendo isso de comum com uma imensidade de fluidos que sabemos existir, mas que nunca vimos. Pode também, como alguns fluidos, sofrer modificações que o tornam perceptível à vista, quer por uma espécie de condensação, quer por uma mudança na disposição molecular.

Pode mesmo adquirir as propriedades de um corpo sólido e tangível e retomar instantaneamente seu estado etéreo e invisível. É possível fazer-se idêa desse efeito pelo que acontece com o vapor, que passa do estado de invisibilidade ao estado brumoso, depois ao líquido, em seguida ao sólido e vice-versa.

Esses diferentes estados do perispírito resultam da vontade do Espírito e não de uma causa física exterior, como se dá com os gases. Quando um Espírito aparece, é que ele põe seu perispírito no estado próprio a torná-lo visível. Entretanto, nem sempre basta a vontade para fazê-lo visível: é preciso, para que se opere a modificação do perispírito, o concurso de umas tantas circunstâncias que dele independem. É, preciso, ao demais, que ao Espírito seja permitido fazer-se visível a tal pessoa, permissão que nem sempre lhe é concedida, ou somente o é em determinadas circunstâncias, por motivos que nos escapam.

(Veja-se: O Livro dos Médiuns, 2ª Parte, capítulo VI.)

Outra propriedade do perispírito, peculiar essa à sua natureza etérea, é a **penetrabilidade**. Matéria nenhuma lhe opõe obstáculo; ele as atravessa todas, como a luz atravessa os corpos transparentes. Daí vem que não há como impedir que os Espíritos entrem num recinto inteiramente fechado. Eles visitam o preso no seu cárcere tão facilmente como visitam a um que está no campo a trabalhar.

17. As manifestações visuais ocorrem ordinariamente durante o sono, por meio dos sonhos: são as **visões**. As **aparições** propriamente ditas dão-se no estado de vigília, estando aqueles que as percebem no gozo pleno de suas faculdades e da liberdade de usar delas. Apresentam-se, em geral, sob forma vaporosa e diáfana, algumas vezes vaga e imprecisa. Frequentemente, não passam, à primeira vista, de um clarão esbranquiçado, cujos contornos pouco a pouco se acentuam. Doutras vezes, as formas se apresentam nitidamente desenhadas, distinguindo-se os menores traços do rosto, ao ponto de poder-se descrevê-lo com precisão. Os ademanos e o aspecto assemelham-se aos que o Espírito tinha quando vivo.

18. Podendo assumir todas as aparências, o Espírito se apresenta debaixo daquela que mais reconhecível o possa tornar, se o quiser. É assim que, embora como Espírito nenhuma enfermidade corpórea lhe reste, ele se mostrará estropeado, coxo, ferido com cicatrizes, se isso for necessário a lhe comprovar a identidade. O mesmo se observa com relação ao traje. O dos Espíritos que nada conservam das fraquezas terrenas, aquele de ordinário consta de amplos panos flutuantes e de uma cabeleira ondulante e graciosa.

Amiúde os Espíritos se apresentam com os atributos característicos de sua elevação, como: uma auréola, asas os que podem ser considerados anjos, resplandecente aspecto luminoso, enquanto que outros trajam as que recordam suas ocupações terrestres. Assim, um guerreiro aparecerá com a sua armadura, um sábio com livros, um assassino com um punhal, etc. A figura dos Espíritos superiores é bela, nobre e serena; os mais inferiores têm qualquer coisa de feroz e bestial e, por vezes, ainda mostram vestígios dos crimes que cometeram ou dos suplícios por que passaram, sendo-lhes essas aparências uma realidade, isto é, julgam-se quais aparecem, o que é para eles um castigo.

19. O Espírito que quer ou pode realizar uma aparição toma por vezes uma forma ainda mais precisa, de semelhança perfeita com um sólido corpo humano, de sorte a causar ilusão completa e dar a crer que está ali um ser corpóreo.

Nalguns casos e dadas certas circunstâncias, a tangibilidade pode tornar-se real, isto é, pode-se tocar, apalpar a aparição, senti-la resistente como um corpo vivo e com o calor que se observa

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo II)

neste, o que não impede que ela se desvaneça com a rapidez do relâmpago. Pode, pois, uma pessoa estar em presença de um Espírito, trocar com ele palavras e gestos ordinários e supor que se trata de um simples mortal, sem suspeitar sequer que tem diante de si um Espírito.

20. Qualquer que seja o aspecto sob que se apresente um Espírito, ainda que sob forma tangível, pode ele, no instante em que isso se dê, somente ser visível para algumas pessoas.

Pode, pois, numa reunião, mostrar-se, apenas, a um ou a diversos dos que nela estejam. De dois indivíduos que se achem lado a lado, pode acontecer que um o veja e toque e o outro nem o veja, nem o sinta.

O fenômeno da aparição a uma só pessoa, entre muitas que se encontrem reunidas, explica-se por ser necessária, para que ele se produza, uma combinação do fluido perispiritual do Espírito com o da pessoa. E, para que isso se dê, é preciso que haja entre esses fluidos uma espécie de afinidade que permita a combinação. Se o Espírito não encontra a necessária aptidão orgânica, o fenômeno da aparição não pode reproduzir-se; se existe a aptidão, o Espírito tem a liberdade de aproveitá-la ou não. Daí resulta que, se duas pessoas igualmente dotadas quanto a essa aptidão se encontram juntas, pode o Espírito operar a combinação fluídica apenas com aquela das duas a quem ele queira mostrar-se. Se não a operar com a outra, esta não o verá. É como se se tratasse de dois indivíduos cujos olhos estivessem vendados: se um terceiro quiser mostrar-se a um dos dois apenas, somente dos olhos desse retirará a venda. A um, porém, que fosse cego, nada adiantaria a retirada da venda: ele, por isso, não adquiriria a faculdade de ver.

21. São muito raras as aparições tangíveis, sendo, no entanto, frequentes as vaporosas. Acontecem, sobretudo, na hora da morte. O Espírito que se libertou como que tem pressa de ir rever seus parentes e amigos, quiçá para avisá-los de que acaba de deixar a Terra e dizer-lhes que continua a viver. Recorra cada um às suas lembranças e verificará que muitos fatos autênticos desse gênero, aos quais não foi dada a devida atenção, ocorreram, não somente à noite, mas em pleno dia e em completo estado de vigília.

Estudando as obras de Kardec

07 – 30/05/2007

O Consolador – (Astolfo O. De Oliveira Filho)

O Livro dos Médiuns

III – MANIFESTAÇÕES VISUAIS

48. Qual é o princípio das manifestações visuais?

O perispírito, como já vimos, é o princípio de todas as manifestações; seu conhecimento deu-nos a chave de uma porção de fenômenos e fez a ciência espírita dar um passo imenso, tirando-lhe todo o caráter maravilhoso.

Por sua natureza e em seu estado normal, o perispírito é invisível e isto tem ele de comum com diversos fluidos que sabemos existirem e que entretanto jamais vimos; mas pode também, como certos fluidos, sofrer modificações que o tornem perceptível à vista, seja por uma espécie de condensação, seja por uma mudança em sua disposição molecular; é então que nos aparece sob uma forma vaporosa.

A condensação (é preciso não tomar esta palavra ao pé da letra, visto que a empregamos apenas por faltar uma outra e a título de comparação) pode ser tal que o perispírito adquira as propriedades de um corpo sólido e tangível, retomando instantaneamente seu estado etéreo e invisível.

Podemos compreender tal mudança de estado pelo que se passa com o vapor, que pode passar da invisibilidade ao estado brumoso, depois líquido, depois sólido e vice-versa.

Esses diferentes estados do perispírito são o resultado da vontade do Espírito e não de uma causa física exterior, como nos gases.

Quando nos aparece, é porque coloca seu perispírito no estado necessário para tornar-se visível, mas para isso só sua vontade não é suficiente, porque a modificação perispírita se opera por sua combinação com o fluido próprio do médium; ora, essa combinação nem sempre é possível, o que explica por que a visibilidade dos Espíritos não é geral.

Assim, não é suficiente que o Espírito queira mostrar-se, e também não é suficiente que uma pessoa queira vê-lo; é preciso que os dois fluidos possam combinar-se, que haja entre eles uma espécie de afinidade, que a emissão do fluido da pessoa seja suficiente para operar a transformação do perispírito, e, enfim, que o Espírito tenha permissão de se mostrar a uma determinada pessoa. (Itens 105 e 109)

41. Têm os Espíritos um corpo fluídico que sobrevive à morte corpórea?

Sim. Eles têm um corpo fluídico ao qual se dá o nome de perispírito. Sua substância é haurida no fluido universal, ou cósmico, que o forma e o alimenta, como o ar forma e alimenta o corpo material do homem. O perispírito é mais ou menos etéreo segundo os mundos e segundo o grau de depuração do Espírito. Nos mundos dos Espíritos inferiores, a sua natureza é mais grosseira e se aproxima mais da matéria bruta. O Espírito conserva seu perispírito durante a encarnação; o corpo não é para ele senão um segundo envoltório mais grosseiro, mais resistente, apropriado às funções que deve cumprir, e do qual ele se despoja na morte.

(Obras Póstumas, O perispírito como princípio das manifestações.)

42. Qual é a função do perispírito?

Ele é o intermediário entre o Espírito e o corpo; é o órgão de transmissão de todas as sensações. Para aquelas que vêm do exterior, pode-se dizer que o corpo recebe a impressão, o perispírito a transmite, e o Espírito, o ser sensível e inteligente, a recebe. Quando o ato parte da iniciativa do Espírito, pode-se dizer que o Espírito quer, o perispírito transmite, e o corpo executa.

(Obras Póstumas, O perispírito como princípio das manifestações.)

43. Onde na criatura humana se localiza o perispírito?

Ele não está encerrado nos limites do corpo, como numa caixa. Dada a sua natureza fluídica, ele é expansível, irradia-se ao redor e forma em torno do corpo uma atmosfera que o pensamento e a força de vontade podem estender mais ou menos; de onde se segue que as pessoas que, de nenhum modo, não estão em contato corporal, podem estar pelo seu perispírito e transmitir-se impressões e mesmo a intuição dos seus pensamentos.

(Obras Póstumas, O perispírito como princípio das manifestações.)

44. Qual o papel do perispírito na vida de uma pessoa?

Sendo um dos elementos constitutivos do homem, o perispírito desempenha um papel importante em todos os fenômenos psicológicos e, até certo ponto, nos fenômenos fisiológicos e patológicos. É por meio do perispírito que os Espíritos agem sobre a matéria inerte e produzem os diferentes fenômenos das manifestações, tais como pancadas e ruídos de todas as espécies, levantamento de objetos, transportados ou projetados no espaço.

(Obras Póstumas, O perispírito como princípio das manifestações.)

45. As manifestações dos Espíritos são sempre espontâneas?

Não. Podem ser também provocadas. As espontâneas ocorrem inopinadamente e de improviso, e se produzem, frequentemente, nas pessoas mais estranhas às ideias espíritas. Em certos casos, e sob o império de certas circunstâncias, as manifestações podem ser provocadas pela vontade, sob a influência de pessoas dotadas, para esse efeito, de faculdades especiais. (Obras Póstumas, O perispírito como princípio das manifestações.)

46. O perispírito pode tornar-se visível aos nossos olhos?

Sim. Por sua natureza, e em seu estado normal, o perispírito é invisível, e tem isso em comum com uma multidão de fluidos que sabemos existir e que, entretanto, jamais vimos; mas ele pode também, do mesmo modo que certos fluidos, sofrer modificações que o tornam perceptível à visão, seja por uma espécie de condensação, seja por uma mudança na disposição molecular. Ele pode mesmo adquirir as propriedades de um corpo sólido e tangível, e instantaneamente retomar seu estado etéreo e invisível. Esses diferentes estados do perispírito são o resultado da vontade do Espírito, e não de uma causa física exterior, como no gás. Quando um Espírito aparece, é que

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo II)

ele coloca o seu perispírito no estado necessário para torná-lo visível. Mas a sua vontade nem sempre basta: é necessário, para que essa modificação do perispírito possa se operar, um concurso de circunstâncias independentes dele; é necessário, por outro lado, que o Espírito tenha a permissão de se fazer ver por tal pessoa, o que nem sempre lhe é concedido, ou não o é senão em certas circunstâncias, por motivos que não podemos apreciar.

(Obras Póstumas, Manifestações visuais.)

47. O perispírito tem também, além da invisibilidade, o atributo de penetrabilidade?

Sim. Devido à sua natureza etérea, detém ele o atributo da penetrabilidade, ou seja, nenhuma matéria lhe constitui obstáculo; ele as atravessa todas, como a luz atravessa os corpos transparentes. É por isso que não há clausura que possa se opor à entrada dos Espíritos; eles vão visitar o prisioneiro em seu cárcere tão facilmente quanto a um homem que está no meio dos campos.

(Obras Póstumas, Manifestações visuais.)

48. Quais são as manifestações visuais mais comuns?

As mais comuns ocorrem no sono, por intermédio dos sonhos: são as visões. As aparições propriamente ditas ocorrem no estado de vigília, e se apresentam, geralmente, sob uma forma vaporosa e diáfana, algumas vezes vagas e indecisas; de outras vezes, nitidamente acentuadas, a ponto de se poder fazer dela uma descrição muito precisa. Os passos e o aspecto são semelhantes ao que era o Espírito quando encarnado. Mas, podendo tomar todas as aparências, o Espírito pode se apresentar sob aquela que melhor pode fazê-lo reconhecer-se, se tal é o seu desejo. Também, ainda que, como Espírito, não tenha nenhuma enfermidade corpórea, pode mostrar-se estropeado, coxo, ferido, com cicatrizes, se isso for necessário à sua identificação.

(Obras Póstumas, Manifestações visuais.)

49. A aparição pode tornar-se tangível?

Sim. Pode ela ter todas as aparências de um corpo sólido, a ponto de produzir uma ilusão completa e de fazer crer que se está diante de um ser corpóreo. Em alguns casos, e sob o império de certas circunstâncias, a tangibilidade pode tornar-se real, quer dizer, que se pode tocar, apalpar, sentir a mesma resistência, o mesmo calor que da parte de um corpo vivo, o que não impede de se desvanecer com a rapidez do raio.

(Obras Póstumas, Manifestações visuais.)

50. Pode o Espírito aparecer a uma única pessoa dentre várias então presentes?

Pode. Isso se explica pela necessidade, para que o fenômeno se produza, de haver uma combinação entre o fluido perispiritual do Espírito e o da pessoa. É preciso, para isso, que haja entre esses fluidos uma espécie de afinidade que favoreça a combinação; se o Espírito não encontra a aptidão orgânica necessária, o fenômeno da aparição pode não se reproduzir. Se a aptidão existe, o Espírito está livre para aproveitá-la ou não; de onde resulta que, se duas pessoas igualmente dotadas sob esse aspecto se encontrem juntas, o Espírito pode operar a combinação fluídica com apenas uma delas, não o fazendo com a outra, que então não o verá.

(Obras Póstumas, Manifestações visuais.)

IV – Transfiguração. Invisibilidade

22. O perispírito das pessoas vivas goza das mesmas propriedades que o dos Espíritos. Como já foi dito, o daquelas não se acha confinado no corpo: irradia e forma em torno deste uma espécie de atmosfera fluídica. Ora, pode suceder que, em certos casos e dadas as mesmas circunstâncias, ele sofra uma transformação análoga à já descrita: a forma real e material do corpo se desvanece sob aquela camada fluídica, se assim nos podemos exprimir, e toma por momentos uma aparência inteiramente diversa, mesmo a de outra pessoa ou a do Espírito que combina seus fluidos com os do indivíduo, podendo também dar a um semblante feio um aspecto bonito e radioso. Tal o fenômeno que se designa pelo nome de “transfiguração”, bastante frequente e que se produz, principalmente, quando as circunstâncias ocorrentes provocam mais abundante expansão de fluido.

O fenômeno da transfiguração pode operar-se com intensidades muito diferentes, conforme o grau de depuração do perispírito, grau que sempre corresponde ao da elevação moral do Espírito. Cinge-se às vezes a uma simples mudança no aspecto geral da fisionomia, enquanto que doutras vezes dá ao perispírito uma aparência luminosa e esplêndida.

A forma material pode conseguintemente desaparecer sob o fluido perispirítico, sem que se faça para isso necessário que o fluido assuma outro aspecto. Por vezes, apenas oculta um corpo inerte ou vivo, tornando-o invisível para uma ou para muitas pessoas, como o faria uma camada de vapor.

Tomamos as coisas atuais unicamente como termos de comparação, sem pretendermos uma analogia absoluta, que não existe.

23. Estes fenômenos talvez pareçam singulares, mas somente por não se conhecerem ainda as propriedades do fluido perispirítico. Este é, para nós, um novo corpo, que há de possuir propriedades novas e que não se podem estudar senão pelos processos ordinários da Ciência, mas que não deixam, por isso, de ser propriedades naturais, só tendo de maravilhosa a novidade.

A Gênese
(Allan Kardec)

IV – TRANSMUTAÇÃO. INVISIBILIDADE

Transmutação

43. Seis dias depois, tendo chamado de parte a Pedro, Tiago e João, Jesus os levou consigo a um alto monte afastado (1) e se transmutou diante deles. — Enquanto orava, seu rosto pareceu inteiramente outro; suas vestes se tornaram brilhantemente luminosas e brancas, qual a neve, como não há pisoeiro na Terra que possa fazer alguma tão alva. — E eles viram aparecer Elias e Moisés, a entreter palestra com Jesus.

Então, disse Pedro a Jesus: Mestre, estamos bem aqui; façamos três tendas: uma para ti, outra para Moisés, outra para Elias. — É que ele não sabia o que dizia, tão espantado estava.

Ao mesmo tempo, apareceu uma nuvem que os cobriu; e, dessa nuvem, uma voz partiu, fazendo ouvir estas palavras: Este é meu Filho bem-amado; escutai-o.

Logo, olhando para todos os lados, a ninguém mais viram, senão a Jesus, que ficara a sós com eles.

Quando desciam do monte, ordenou-lhes ele que a ninguém falassem do que tinham visto, até que o Filho do Homem ressuscitasse dentre os mortos. — E eles conservaram em segredo o fato, inquirindo uns dos outros o que teria ele querido dizer com estas palavras: Até que o Filho do Homem tenha ressuscitado dentre os mortos.

(S. Marcos, 9:1 a 9.)

44. É ainda nas propriedades do fluido perispirítico que se encontra a explicação deste fenômeno. A transmutação, explicada no cap. XIV, nº 39, é um fato muito comum que, em virtude da irradiação fluídica, pode modificar a aparência de um indivíduo; mas, a pureza do perispirito de Jesus permitiu que seu Espírito lhe desse excepcional fulgor.

Quanto à aparição de Moisés e Elias cabe inteiramente no rol de todos os fenômenos do mesmo gênero.

(Cap. XIV, nos 35 e seguintes.)

De todas faculdades que Jesus revelou, nenhuma se pode apontar estranha às condições da humanidade e que se não encontre comumente nos homens, porque estão todas na ordem da Natureza. Pela superioridade, porém, da sua essência moral e de suas qualidades fluídicas, aquelas faculdades atingiam nele proporções muito acima das que são vulgares. Posto de lado o seu envoltório carnal, ele nos patenteava o estado dos puros Espíritos.

(1) O Monte Tabor, a sudoeste do lago de Tabarich e a 11 quilômetros a sudeste de Nazaré, com cerca de 1.000 metros de altura.

A Transfiguração no Tabor

“Seis dias depois tomou Jesus consigo a Pedro, a Tiago e a João, e os levou em particular a um alto monte. E foi transfigurado diante deles; e as suas vestes tornaram-se resplandecentes e em extremo, brancas, como nenhum lavandeiro sobre a Terra as pode alvejar. E lhes apareceu Elias com Moisés, e estes falavam com Jesus.

“Então Pedro disse a Jesus:

“Mestre, bom é estarmos aqui, e façamos três tabernáculos: um para ti, outro para Moisés e outro para Elias.” Porque não sabia o que havia de dizer: pois estavam aterrorizados. E veio uma nuvem que os envolveu; e dela saiu uma voz dizendo: Este é o meu filho diletto; ouvi-o!

“E eles olhando de repente em redor, não viram mais ninguém consigo, senão só a Jesus.
(Marcos, IX, 2-8.)

Jesus tomou três de seus discípulos, Pedro, Tiago e João, e levou-os ao Monte Tabor, e mostrou-se a esses, que havia escolhido para apostolar a Causa, tal como era no Mundo da Verdade; ou seja, apareceu-lhes em Espírito; tão belo e radiante estava, que o Evangelista, por não conhecer outra expressão para descrever a apresentação do Cristo de Deus, disse “haverem-se tornado em extremo, resplandecentes as suas vestes”; acrescentando Mateus: “O seu rosto brilhava como o Sol!”

Diz mais o texto que Jesus, em sua alta e divina sabedoria, resolveu invocar os Espíritos de Moisés e de Elias, que vieram trazer a excelência do seu” testemunho para a glorificação da lei de Deus, que ele, Jesus, estava ensinando aos seus discípulos.

E ainda, para maior convicção daqueles que representavam o Colégio Apostólico, uma nuvem os envolveu e a Voz do Céu clamou, apontando-lhes Jesus: “Este é o meu filho diletto — OUVI-O!”

Como vemos, o Divino Mestre revestiu-se de todos os esplendores, cercou-se de todos os testemunhos, para demonstrar aos seus futuros seguidores a tarefa que lhes estava confiada: testemunho da Terra — os três discípulos que iriam, transmitir aos demais as cenas indescritíveis que presenciaram: testemunho do Mundo dos Espíritos — representado dignamente pelos Espíritos de Moisés e de Elias, que apareceram positivamente a todos; testemunha do próprio Jesus que, destacando-se do corpo material com que subira ao monte, apresentou-se com o Corpo Imortal com que ascenderia ao Infinito; testemunho, finalmente, do Supremo Pai, que, ecoando na nuvem de fluidos amorosos com o seu divino Verbo confirmou, mais uma vez, a sua dileção pelo Filho Amado, que deveria ser ouvido e obedecido por aqueles que, mais tarde, teriam de apregoar suas Palavras Redentoras pelo mundo todo!

Conclui-se daí que os esplendores do Cristo não são materiais, mas espirituais; as manifestações do Cristo não são carnis, mas manifestações de Espíritos.

Ouvir a Cristo deve, pois, ser o nosso principal anelo.

Ouvir a Cristo pelos discípulos, ouvir a Cristo pelos representantes do Mundo Espírita, ouvir a Cristo pela voz que fala nas nuvens, porque todos dão testemunho do Cristo, em terra, nos ares, no Mundo Espiritual.

A lei do Cristo Jesus demonstra a existência da alma, pelo desdobramento e transfiguração; demonstra a imortalidade da alma, com a aparição e comunicação de Moisés e de Elias; e o Verbo, nas nuvens, sanciona o divino Amor abrangendo o Infinito para que a “Palavra não passe e seja cumprida integralmente”.

A Transfiguração é a pregação do Cristianismo com todas as forças da sua Vida Eterna.

V – Emancipação da alma

24. Durante o sono, apenas o corpo repousa; o Espírito, esse não dorme; aproveita-se do repouso do primeiro e dos momentos em que a sua presença não é necessária para atuar isoladamente e ir aonde quiser, no gozo então da sua liberdade e da plenitude das suas faculdades. Durante a encarnação, o Espírito jamais se acha completamente, separado do corpo; qualquer que seja a distância a que se transporte, conserva-se preso sempre àquele por um laço fluídico que serve para fazê-lo voltar à prisão corpórea, desde que a sua presença ali se torne necessária. Esse laço só a morte o rompe.

“Durante o sono, a alma se liberta parcialmente do corpo.

Quando dormimos, ficamos, temporariamente, no estado em que nos acharemos de maneira definitiva após a morte.

Os Espíritos que depois da morte de seus corpos se desligaram da matéria, tiveram sons inteligentes; aqueles, quando dormem, juntam-se à sociedade de outros seres que lhes são superiores; viajam, conversam e se instruem com eles, trabalham mesmo em obras que, quando morrem, acham inteiramente acabadas. Isto deve ensinar-vos a não temer a morte, pois que morreis todos os dias, como o disse um santo.

“Assim é com relação aos Espíritos elevados. Quanto à massa geral dos homens que, por ocasião da morte, têm de passar por aquela perturbação, por aquela incerteza de que eles próprios vos não falado, esses vão ou a mundos inferiores à Terra, aonde os chamam antigas afeições, ou em busca de prazeres ainda mais degradantes, talvez, do que os de sua predileção neste mundo. Vão à cata de doutrinas ainda mais vis, mais ignóbeis, mais nocivas do que as que entre vós professam. O que gera na Terra a simpatia é apenas o fato de que o Espírito, ao despertar, se sente vinculado, pelo coração, àqueles em cuja companhia acaba de passar oito ou nove horas de ventura ou de prazer. Por outro lado, o que também explica essas invencíveis antipatias que uma criatura às vezes experimenta é que ela sente, dentro do seu coração, que os que lhe são antipáticos possuem uma consciência diversa da sua, pois que ela os conhece sem jamais os ter visto. É também o que explica a indiferença, que nasce da circunstância de não nos interessar o granjeio de novos amigos, quando sabemos que outros contamos que nos amam e nos querem. Numa palavra: o sono influi mais do que supondes na vossa vida.

“Por meio do sono, os Espíritos encarnados estão sempre em relação com o mundo dos Espíritos e é isso o que faz que os Espíritos superiores consentam, sem grande repugnância, em encarnar entre vós. Deus quer que, enquanto se achem em contacto com o vício, eles possam ir retemperar-se na fonte do bem, para não suceder que também venham a falir, quando o que lhes cabe é instruir os outros. O sono é a porta que Deus lhes abriu para irem ter com seus amigos do céu; é o recreio após o trabalho, enquanto aguardam a grande libertação, a libertação final que os restituirá ao meio que lhes é próprio.

“O sonho é a lembrança do que o Espírito viu durante o sono. Notai, porém, que nem sempre sonhais, pois que nem sempre vos lembrais do que vistes, ou de tudo o que vistes. É que a vossa alma não se acha em todo o desenvolvimento de suas faculdades; não é, muitas vezes, mais do que a lembrança da perturbação que experimenta à partida ou à volta, à qual se junta a do que fizestes ou do que vos preocupa no estado de vigília. Se assim não fosse, como explicaríeis os sonhos absurdos, que tanto os mais sábios, como os mais simples têm? Também os maus Espíritos se servem dos sonhos para atormentar as almas fracas ou pusilânimes.

“A incoerência dos sonhos ainda se explica pelas lacunas resultantes da recordação incompleta do que durante eles foi visto. Dá-se então o que se daria com uma narrativa da qual se truncassem frases ao acaso: reunidos, os fragmentos que restassem nenhuma significação racional apresentariam.

“Em suma, dentro em pouco vereis desenvolver-se outra espécie de sonhos, tão antigos como os que conheceis, mas que ainda ignorais. O sonho de Joana d’Arc, o sonho de Jacob, os sonhos dos profetas judeus e de alguns adivinhos indianos são lembranças que a alma, inteiramente desprendida do corpo, conserva dessa outra vida de que eu ainda não há muito vos falava.”

(O Livro dos Espíritos, Parte 2ª, cap. VIII.)

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo II)

25. A independência e a emancipação da alma se manifestam, de maneira evidente, sobretudo no fenômeno do sonambulismo natural e magnético, na catalepsia e na letargia.

A lucidez sonambúlica não é senão a faculdade, que a alma tem, de ver e sentir sem o concurso dos órgãos materiais. É um de seus atributos essa faculdade e reside em todo o seu ser, não passando os órgãos do corpo de estreitos canais por onde lhe chegam certas percepções. A visão a distância, que alguns sonâmbulos possuem, provém de um deslocamento da alma, que então vê o que se passa nos lugares a que se transporta. Em suas peregrinações, ela se acha sempre revestida do seu perispírito, agente de suas sensações, mas que nunca se desliga completamente do corpo, como já ficou dito. O afastamento da alma produz a inércia do corpo, que às vezes parece sem vida.

26. Esse afastamento ou desprendimento pode também operar-se, em graus diversos, no estado de vigília. Mas, então, jamais o corpo goza inteiramente da sua atividade normal; há sempre uma certa absorção, um alheamento mais ou menos completo das coisas terrestres. O corpo não dorme, caminha, age, mas os olhos olham sem ver, dando a compreender que a alma está algures. Como no sonambulismo, ela vê as coisas distantes; tem percepções e sensações que desconhecemos; às vezes, tem a presciência de alguns acontecimentos futuros pela ligação que percebe existir entre eles e os fatos presentes. Penetrando no mundo invisível, vê os Espíritos com quem lhe é possível entabular conversação e cujos pensamentos lhe é dado transmitir.

À sua volta ao estado normal, de ordinário sobrevém o esquecimento do que se passou. Algumas vezes, porém, ela conserva uma lembrança mais ou menos vaga do ocorrido, como se tivesse tido um sonho.

27. Não raro, a emancipação da alma amortece tanto as sensações físicas, que chega a produzir verdadeira insensibilidade que, nos momentos de exaltação, lhe possibilita suportar com indiferença as mais vivas dores. Provém essa insensibilidade do desprendimento do perispírito, agente transmissor das sensações corporais. Ausente, o Espírito não sente as feridas feitas no corpo.

28. Em sua manifestação mais simples, a faculdade que a alma tem de emancipar-se produz o que se denomina o devaneio em vigília. Em algumas pessoas, essa emancipação também dá a presciência, que se traduz pelos pressentimentos; em grau mais avançado de desprendimento, produz o fenômeno conhecido pelo nome de “segunda vista”, “vista dupla”, ou “sonambulismo vígil”.

29. O **êxtase** é a emancipação da alma no grau máximo.

“No sonho e no sonambulismo, a alma erra pelos mundos terrestres; no êxtase, penetra num mundo desconhecido, no mundo dos Espíritos etéreos, com os quais entra em comunicação, sem, todavia, poder ultrapassar certos limites, que ela não poderia transpor sem quebrar totalmente os laços que a prendem ao corpo. Cercam-na um brilho resplandecente e desusado fulgor, elevam-na harmonias que na Terra se desconhecem, invade-a indefinível bem-estar; dado lhe é gozar antecipadamente da beatitude celeste e bem se pode dizer que põe um pé no limiar da eternidade.

No êxtase, é quase completo o aniquilamento do corpo; já não resta, por assim dizer, senão a vida orgânica e percebe-se que a alma lhe está presa apenas por um fio, que mais um pequeno esforço faria partir-se.” (O Livro dos Espíritos, nº 455.)

30. Como em nenhum dos outros graus de emancipação da alma, o êxtase não é isento de erros, pelo que as revelações dos extáticos longe estão de exprimir sempre a verdade, absoluta. A razão disso reside na imperfeição do espírito humano; somente quando ele há, chegado ao cume da escala pode julgar das coisas lucidamente; antes não lhe é dado ver tudo, nem tudo compreender. Se, após o fenômeno da morte, quando o desprendimento é completo, ele nem sempre vê com justeza; se muitos há que se conservam imbuídos dos prejuízos da vida, que não compreendem

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo II)

as coisas do mundo visível, onde se encontram, com mais forte razão o mesmo há de suceder com o Espírito ainda retido na carne.

Há por vezes, nos extáticos, mais exaltação que verdadeira lucidez, ou, melhor, a exaltação lhes prejudica a lucidez, razão por que suas revelações são com freqüência mistura de verdades e erros, de coisas sublimes e outras ridículas. Também Espíritos inferiores se aproveitam dessa exaltação, que é sempre uma causa de fraqueza quando não há quem saiba governá-la, para dominar o extático, e, para conseguirem seus fins, assumem aos olhos deste, **aparências** que o aferram às suas idéias e preconceitos, de modo que suas visões e revelações não vêm a ser mais do que reflexos de suas crenças. É um escolho a que só escapam os Espíritos de ordem elevada, escolho diante do qual o observador deve manter-se em guarda.

31. Pessoas há cujo perispírito se identifica de tal maneira com o corpo, que só com extrema dificuldade se opera o desprendimento da alma, mesmo por ocasião da morte; são, em geral, as que viveram mais para a matéria; são também aquelas para as quais a morte é mais penosa, mais cheia de angústias, mais longa e dolorosa a agonia. Outras há, porém, cujas almas, ao contrário, se acham presas ao corpo por liames tão frágeis, que a separação se efetua sem abalos, com a maior facilidade e frequentemente antes que se dê a morte do corpo. Ao aproximar-se-lhes o termo da vida, essas almas entreveem o mundo onde vão penetrar e pelo qual aspiram no momento da libertação completa.

Crônicas e Artigos

164 – 27/06/2010

O Consolador – (Leonardo Marmo Moreira)

V – EMANCIPAÇÃO DA ALMA

**Emancipação da alma, animismo e mediunidade:
Onde termina um fenômeno e começa o outro?**

A determinação de uma “fronteira” definitiva que separe os fenômenos denominados “Emancipação da Alma”, “Animismo” e “Mediunidade” não se trata de uma tarefa trivial. Tais definições e, sobretudo, diferenciações, constituem estudos complexos, pois, provavelmente, não exista uma distância cabal entre esses fenômenos. Este contato, no mínimo “interfacial” entre os fenômenos em questão, ocorre devido ao fato de que estes três processos psíquicos têm sua fundamentação básica nas propriedades do Perispírito.

De fato, tais fenômenos estão calcados nas características de maleabilidade e expansibilidade do Perispírito. Alguns autores, como a própria Dona Yvonne Pereira, utilizam a expressão “Mediunidade de Sonhos”, denotando que, pelo menos em alguns casos, o sonho poderia se tratar de um fenômeno mediúnicos, além de ser uma Emancipação da Alma. Realmente, a Emancipação da Alma e a Mediunidade são dois fenômenos muito correlacionados. Poderíamos dizer “fenômenos irmãos”.

Inicialmente, é importante registrar que Emancipação da Alma, Animismo e Mediunidade não são fenômenos excludentes, pois podem acontecer concomitantemente. A Emancipação da Alma assim como o Animismo poderiam, a priori, acontecer das duas formas, isto é, com ou sem a presença de uma atuação significativa de um Espírito desencarnado. A Mediunidade, todavia, sempre estaria associada a uma manifestação anímica, mesmo que tal contribuição anímica fosse muito pouco representativa.

Possivelmente, Kardec diferenciou a Emancipação da Alma da Mediunidade propriamente considerada para facilitar didaticamente o nosso aprendizado. Realmente, há fenômenos de bilocação (desdobramento), bem como de Dupla Vista (também chamada Clarividência), em que não existe a detecção de nenhum Espírito desencarnado. Neste caso, pode-se afirmar que se trata de fenômenos, em princípio, somente de Emancipação da Alma, pois não existe a participação ostensiva e detectável pelo encarnado de uma inteligência desencarnada.

No entanto, se nós sonhamos e contactamos um Espírito desencarnado, tendo, por exemplo, uma revelação espiritual, esse fenômeno não deixa de ser, realmente, mediúnicos, pois está associado a um contato com um ser espiritual desencarnado. Seria, por conseguinte, um fenômeno misto, pois abrangeria Mediunidade e Emancipação da Alma, em concordância com Allan Kardec em “O Livro dos Espíritos”. Se, por outro lado, ocorrer um desdobramento simples, sem nenhum contato com entidade espiritual desencarnada, podemos dizer que foi apenas uma Emancipação da Alma “simples”, o que não impede que, em outra oportunidade, o mesmo indivíduo apresente um fenômeno misto ou somente mediúnicos, pois a predisposição aos dois fenômenos apresenta uma mesma raiz fundamental que é a facilidade de maleabilidade e expansão do Corpo Espiritual. Vale lembrar que Chico Xavier, Dona Yvonne do Amaral Pereira e Divaldo Pereira Franco, indiscutíveis referências doutrinárias em matéria de Mediunidade com Jesus, sempre apresentaram, concomitantemente aos fenômenos mediúnicos, extraordinários fenômenos de Emancipação da Alma.

De fato, a famosa afirmação “Todos são médiuns”, que é utilizada excessivamente nos centros espíritas, é apenas uma meia verdade. Todos são médiuns em potencial, como todos que saibam escrever são escritores em potencial; como todos os que saibam falar são oradores em potencial; como a semente de mangueira é uma mangueira em potencial etc. Entretanto, é importante convir que, dentro de um determinado momento específico no tempo, não é razoável considerar que

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo II)

uma enorme mangueira é exatamente a mesma coisa que uma semente de mangueira. Seria o mesmo que considerar que todas as colheitas são obtidas imediatamente após as plantações, independentemente do tipo de semente plantada.

O fato de todos serem médiuns em potencial não significa, portanto, que todos são “médiuns de ação”, ou seja, “médiuns ostensivos”. Quando nós dizemos de forma simples e objetiva “João é médium”, queremos dizer que sua mediunidade é significativamente ostensiva, isto é, que ele é um médium de ação, implicando que a intensidade da Mediunidade desse indivíduo é representativamente superior àquela encontrada na maioria das criaturas humanas.

É também importante asseverar que a mediunidade basal comum a todos os indivíduos, por um lado, é, de fato, significativa (em função da importância dos fenômenos intuitivos), mas, por outro lado, é tão sutil que faz com que a maioria da humanidade ignore a própria existência da Mediunidade. Se fosse minimamente intensa para todos os indivíduos do planeta, não existiriam tantos materialistas no mundo. Não há como comparar tal Mediunidade com alguém que vê um Espírito ou que psicografa uma mensagem mecanicamente. Trata-se de uma análise incoerente, pois os dois tipos de fenômenos são de intensidades totalmente desproporcionais! E muitos dirigentes espíritas, equivocadamente, utilizam dessa premissa para respaldar um amplo e irrestrito acesso às reuniões mediúnicas, sob o pretexto de que “todos são médiuns”.

Kardec precisou frisar esse fato (“Todos são médiuns”), pois essa “Mediunidade basal”, comum a todas as criaturas, é o que faz com que todos possam ser obsidiados e/ou inspirados por “Espíritos de luz”. Isto ocorre, pois todos nós, em maior ou menor grau, conscientes disto ou não, manifestamos a chamada “telepatia”, que é um pré-requisito basilar do fenômeno mediúnic. Desta forma, Kardec valorizou esse ponto, pois, possivelmente, queria utilizar essa discussão para despertar o nosso senso de responsabilidade espiritual com relação aos próprios pensamentos. Seria uma maneira de ratificar, ilustrar e dar maior dimensão ao “Vigiai e Orai” de Jesus. Ademais, seria reforçar a necessidade de reforma íntima e vigilância de todos os espíritas, médiuns ou não. Afinal, todas as pessoas, sem exceção, podem vir a ser obsidiadas, justamente em função da possibilidade de comunicação telepática com outrem, o que é inerente a todos os seres espirituais, encarnados ou não.

A discussão deste tema nos leva, indiretamente, a analisar a definição de Mediunidade. Entre várias definições coerentes com os postulados Kardequianos encontradas no movimento espírita, é possível que uma definição bem próxima àquela utilizada por Divaldo Pereira Franco em suas palestras favoreça a nossa compreensão inicial do fenômeno mediúnic: “Mediunidade é uma faculdade de intercâmbio espiritual inerente ao Espírito que determinada predisposição orgânica e/ou perispiritual favorece em maior ou menor grau sua manifestação”.

Essa definição consegue abranger, por exemplo, os fenômenos mediúnicos que ocorrem no mundo espiritual, já que não restringe o fenômeno mediúnic a um processo puramente físico. Importante adir que tal definição também é respaldada pelos ensinamentos do Dr. Bezerra de Menezes na obra de Yvonne Pereira “Recordações da Mediunidade”, onde o Benfeitor afirma que os grandes médiuns são preparados para suas tarefas, normalmente, em mais de uma encarnação, denotando que é uma faculdade do Ser Espiritual, muito embora, também dependa de condições perispirituais e orgânicas.

Um adendo relevante diz respeito aos termos vidência e audiência/clarividência e clariaudiência, pois, de fato, existe certa confusão no movimento espírita, e, muitas vezes, só conseguimos decodificar o que o autor está enunciando pelo contexto da frase. No entanto, o emprego dos referidos termos utilizados por Allan Kardec, ainda parece ser o mais conveniente. Para o Codificador do Espiritismo, vidência seria basicamente a Mediunidade de ver Espíritos desencarnados, e clarividência, também chamada Dupla Vista, seria o fenômeno de Emancipação

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo II)

da Alma associado à faculdade de ver algo material além das limitações dos olhos de carne através de um desdobramento perispiritual (Emancipação da Alma). De forma similar, audiência seria fundamentalmente a mediunidade de ouvir os Espíritos desencarnados, enquanto que clariaudiência seria ouvir algo material além do alcance dos ouvidos de carne, ou seja, com os “ouvidos perispirituais”, através de desdobramento perispiritual (Emancipação da Alma).

Obviamente, há casos em que os dois fenômenos acontecem concomitantemente, pois o indivíduo pode desdobrar-se, conversar e ver um Espírito desencarnado em um local físico distante. Contudo, os dois fenômenos poderiam acontecer de forma independente.

O termo “Animismo” foi cunhado por Alexander Aksakof, autor de “Animismo e Espiritismo”. Kardec discute a mesma ideia, mas não utiliza esse termo. Alguns também utilizam o termo “Personismo”, mas essa expressão não foi consagrada pelo uso. De qualquer forma, assim como ocorre com o termo “Passe”, de autoria de Samuel Hahnemann, e com a palavra “Ectoplasma”, criada por Charles Richet, o “Pai da Metapsíquica”, o Movimento Espírita utiliza regularmente tal expressão para designar basicamente a manifestação dita “paranormal”, em que o Espírito atuante é o próprio médium. Vale ressaltar que tal fenômeno de maneira nenhuma pode ser confundido com mistificações conscientes, onde, obviamente, não há a ocorrência de um fenômeno paranormal real.

Com relação à Mediunidade, também é importante fazer uma pequena distinção entre a percepção extrassensorial ou suprassensorial “simples” e a Mediunidade “Completa”. As crianças até a faixa etária dos sete anos, por exemplo, estão vivenciando um processo sob certo aspecto incompleto de encarnação, o que torna o indivíduo nessa fase mais predisposto a um contato de natureza espiritual. Entretanto, essa condição, na maioria das vezes, aumenta um pouco a predisposição mediúnica, o que pode não ser tão decisivo do ponto de vista da ocorrência de fenômenos ostensivos propriamente ditos, se o reencarnado já não apresentar um nível significativo de mediunidade. Chico, Divaldo, Raul e Yvonne já manifestavam intensos fenômenos mediúnicos nessa faixa etária e continuaram durante toda a vida, porque eram “médiuns de ação”.

No caso destes notáveis exemplos, inclusive, podemos tranquilamente afirmar que se trata de portadores do chamado “Mediunato”. Em indivíduos que não são médiuns de ação, esses contatos mediúnicos na primeira infância poderiam acontecer, mas em um grau muito menos efetivo. Aliás, nesta mesma obra (Recordações da Mediunidade), Dr. Bezerra de Menezes afirma, através de D. Yvonne Pereira, que os médiuns que manifestam significativa Mediunidade desde a primeira infância, normalmente, são os médiuns mais seguros, pois já foram preparados para essa tarefa em vidas anteriores. Realmente, a vida missionária destes irmãos ilustra a coerência desta afirmação.

Os animais, por exemplo, também poderiam apresentar uma percepção espiritual, o que não deixa de ser um rudimento de mediunidade. Porém, a Mediunidade em sua proposta mais profunda à luz da Doutrina Espírita, implica em uma finalidade de bondade e iluminação intelectual de todos os envolvidos no processo psíquico em questão. Tal diferenciação é discutida pelo Professor Herculano Pires em sua obra intitulada “Mediunidade”.

Aliás, Kardec discute a mediunidade dos animais no capítulo 22 de “O Livro dos Médiuns” (intitulado “Da Mediunidade dos Animais”), mas, de fato, é um texto apenas introdutório sobre tão complexo tema. Inclusive, são dignas de registro as excelentes notas de rodapé do Professor J. Herculano Pires, na versão da LAKE, que muito contribuem para uma melhor compreensão desse capítulo. É possível que o Codificador do Espiritismo, conscientemente, tenha deixado alguns pontos para o futuro, talvez por entender que não tínhamos naquele momento histórico condições para discussões mais profundas sobre o nível de consciência dos animais.

VI – Aparição de pessoas vivas. Bicorporeidade

32. A faculdade, que a alma possui, de emancipar-se e de desprender-se do corpo durante a vida pode dar lugar a fenômenos análogos aos que os Espíritos desencarnados produzem. Enquanto o corpo se acha mergulhado em sono, o Espírito, transportando-se a diversos lugares, pode tornar-se visível e aparecer sob forma vaporosa, quer em sonho, quer em estado de vigília. Pode igualmente apresentar-se sob forma tangível, ou, pelo menos, com uma aparência tão idêntica à realidade, que possível se torna a muitas pessoas estar com a verdade, ao afirmarem tê-lo visto ao mesmo tempo em dois pontos diversos. Ele, com efeito, estava em ambos, mas apenas num se achava o corpo verdadeiro, achando-se no outro o Espírito. Foi este fenômeno, aliás muito raro, que deu origem à crença nos homens duplos e que se denomina de **bicorporeidade**. Por muito extraordinário que seja, tal fenômeno, como todos os outros, se compreende na ordem dos fenômenos naturais, pois que decorre das propriedades de perispírito e de uma lei natural.

Estudando as obras de Kardec

07 – 30/05/2007

O Consolador – (Astolfo O. De Oliveira Filho)

O Livro dos Médiuns

**VI – APARIÇÃO DE PESSOAS VIVAS.
BICORPOREIDADE**

51. Que é bicorporeidade?

O Espírito de uma pessoa viva, isolado do corpo, pode aparecer noutro lugar, como o de uma pessoa morta, e ter todas as aparências da realidade; além disso, ele pode adquirir uma tangibilidade momentânea.

Eis o fenômeno chamado bicorporeidade, que deu lugar às histórias de homens duplos, isto é, de indivíduos cuja presença simultânea foi verificada em dois lugares diferentes.

É o que se deu com Santo Afonso de Liguori e Santo Antônio de Pádua, como nos relata a história eclesiástica.

O fenômeno da bicorporeidade é uma variedade das manifestações visuais e repousa nas propriedades do perispírito, que, em dadas circunstâncias, pode tornar-se visível e mesmo tangível.

(Itens 114 e 119)

52. O sono é necessário para que a alma apareça em outros lugares?

Pode ocorrer o fenômeno sem que o corpo adormeça, conquanto isto seja muito raro; nesse caso o corpo não está jamais num estado perfeitamente normal, mas num estado mais ou menos extático.

A alma, então, abandona o corpo, seguida de uma parte de seu perispírito que, graças à outra parte, que permanece ligada ao corpo, constitui o laço de ligação entre a matéria e o Espírito.

(Item 119, parágrafos 1 e 3)

79. São abundantes as provas de que o Espírito, isolando-se de um corpo vivo, pode aparecer em um outro lugar?

Sim. Nesta obra estão relatados vários fatos extraídos da obra alemã Os fenômenos místicos da vida humana, por Maximilien Perty, professor na Universidade de Berna, publicada em 1861, sobre os quais Kardec juntou o seguinte comentário: Há fatos dos quais a lógica e as leis conhecidas demonstram a impossibilidade material.

Tal é, por exemplo, o que está narrado na Revista Espírita do mês de fevereiro de 1859, página 41, sob o título de Meu amigo Hermann.

Trata-se de um jovem alemão da alta sociedade, doce, benevolente, e do mais honrado caráter, que todas as tardes, ao pôr do Sol, caía num estado de morte aparente.

Durante esse tempo, seu Espírito despertava na Austrália, no corpo de um bandido, que acabou por ser enforcado.

O simples bom senso demonstra que, supondo a possibilidade dessa dualidade corpórea, o mesmo Espírito não pode ser, alternativamente, durante o dia um homem honesto e à noite um bandido num outro corpo.

Dizer que o Espiritismo acredita em semelhantes histórias é provar que não o conhece, uma vez que dá os meios de provar-lhes o absurdo.

Mas, ao mesmo tempo que ele demonstra o erro de uma crença, prova que, frequentemente, ela repousa sobre um princípio verdadeiro desnaturado ou exagerado pela superstição.

É a despojar o fruto da casca que ele se dedica.

(Obras Póstumas, Provas das aparições de pessoas vivas.)

VII – Dos Médiuns

33. Médiuns são pessoas aptas a sentir a influência dos Espíritos e a transmitir os pensamentos destes.

Toda pessoa que, num grau qualquer, experimente a influência dos Espíritos é, por esse simples fato, médium.

Essa faculdade é inerente ao homem e, por conseguinte, não constitui privilégio exclusivo, donde se segue que poucos são os que não possuam um rudimento de tal faculdade.

Pode-se, pois, dizer que toda gente, mais ou menos, é médium. Contudo, segundo o uso, esse qualificativo só se aplica àqueles em quem a faculdade mediúnica se manifesta por efeitos ostensivos, de certa intensidade.

34. O fluido perispirítico é o agente de todos os fenômenos espíritas, que só se podem produzir pela ação recíproca dos fluidos que emitem o médium e o Espírito. O desenvolvimento da faculdade mediúnica depende da natureza mais ou menos expansiva do perispírito do médium e da maior ou menor facilidade da sua assimilação pelo dos Espíritos; depende, portanto, do organismo e pode ser desenvolvida quando exista o princípio; não pode, porém, ser adquirida quando o princípio não exista. A predisposição mediúnica independe do sexo, da idade e do temperamento. Há médiuns em todas as categorias de indivíduos, desde a mais tenra idade, até a mais avançada.

35. As relações entre os Espíritos e os médiuns se estabelecem por meio dos respectivos perispiritos, dependendo a facilidade dessas relações do grau de afinidade existente entre os dois fluidos. Alguns há que se combinam facilmente, enquanto outros se repelem, donde se segue que não basta ser médium para que uma pessoa se comunique indistintamente com todos os Espíritos. Há médiuns que só com certos Espíritos podem comunicar-se ou com Espíritos de certas categorias, e outros que não o podem a não ser pela transmissão do pensamento, sem qualquer manifestação exterior.

36. Por meio da combinação dos fluidos perispiríticos o Espírito, por assim dizer, se identifica com a pessoa que ele deseja influenciar; não só lhe transmite o seu pensamento, como também chega a exercer sobre ela uma influência física, fazê-la agir ou falar à sua vontade, obrigá-la a dizer o que ele queira, servir-se, numa palavra, dos órgãos do médium, como se seus próprios fossem. Pode, enfim, neutralizar a ação do próprio Espírito da pessoa influenciada e paralisar-lhe o livre-arbítrio. Os bons Espíritos se servem dessa influência para o bem, e os maus para o mal.

37. Podem os Espíritos manifestar-se de uma infinidade de maneiras, mas não o podem senão com a condição de acharem uma pessoa apta a receber e transmitir impressões deste ou daquele gênero, segundo as aptidões que possua.

Ora, como não há nenhuma que possua no mesmo grau todas as aptidões, resulta que umas obtêm efeitos que, a, outras são impossíveis. Dessa diversidade de aptidões decorre que há diferentes espécies de médiuns.

38. Nem sempre é necessária a intervenção da vontade do médium. O Espírito que quer manifestar-se procura o indivíduo apto a receber-lhe a impressão e dele se serve, muitas vezes a seu mau grado. Outras pessoas, ao contrário, conscientes de suas faculdades, podem provocar certas manifestações. Daí duas categorias de médiuns: **médiuns inconscientes e médiuns facultativos.**

No caso dos primeiros, a iniciativa é dos Espíritos; no segundo, é dos médiuns.

39. Os médiuns facultativos só se encontram entre pessoas que têm conhecimento mais ou menos completo dos meios de comunicação com os Espíritos, o que lhes possibilita servir-se, por

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo II)

vontade própria, de suas faculdades; os **médiuns inconscientes**, ao contrário, existem entre as que nenhuma idéia fazem do Espiritismo, nem dos Espíritos, até mesmo entre as mais incrédulas e que servem de instrumento, sem o saberem e sem o quererem. Os fenômenos espíritas de todos os gêneros podem operar-se por influência destes últimos, que sempre existiram, em todas as épocas e no seio de todos os povos. A ignorância e a credulidade lhes atribuíram um poder sobrenatural e, conforme os tempos e os lugares, fizeram deles santos, feiticeiros, loucos ou visionários. O Espiritismo mostra que com eles apenas se dá a manifestação espontânea de uma faculdade natural.

40. Entre as diferentes espécies de médiuns, distinguem-se principalmente: os **de efeitos físicos**; os **sensitivos** ou **impressivos**; os **audientes, falantes, videntes, inspirados, sonambúlicos, curadores, escreventes ou psicógrafos**.

Aqui unicamente trataremos das espécies essenciais.(1)

41. Médiuns de efeitos físicos — São os mais aptos, especialmente, à produção de fenômenos materiais, como o movimento de corpos inertes, os ruídos, a deslocação, o levantamento e a translação de objetos, etc. Estes fenômenos podem ser espontâneos ou provocados. Em todos os casos, exigem o concurso voluntário ou involuntário de médiuns dotados de faculdades especiais. Em geral, têm por agentes Espíritos de ordem inferior, uma vez que os espíritos elevados só se preocupam com comunicações inteligentes e instrutivas.

42. Médiuns sensitivos ou impressivos — Dá-se esta denominação às pessoas suscetíveis de pressentir a presença dos Espíritos, por impressão vaga, um como ligeiro atrito em todos os membros, fato que não logram explicar. Tal sutileza pode essa faculdade adquirir, que aquele que a possui reconhece, pela impressão que experimenta, não só a natureza, boa ou má, do Espírito que lhe está ao lado, mas também a sua individualidade, como o cego reconhece instintivamente a aproximação de tal ou tal pessoa. Um Espírito bom causa sempre uma impressão branda e agradável; a de um Espírito mau, ao contrário, é penosa, aflitiva e desagradável: há um como cheiro de impureza.

43. Médiuns audientes — Esses ouvem os Espíritos; é, algumas vezes, como se escutassem uma voz interna que lhes ressoasse no foro íntimo; doutras vezes é uma voz exterior, clara e distinta, qual a de uma pessoa viva. Os médiuns audientes também podem conversar com os Espíritos. Quando se habitua a comunicar-se com certos Espíritos, eles os reconhecem imediatamente pelo som da voz. Aquele que não é médium audiente pode comunicar-se com um Espírito por via de um médium audiente que lhe transmite as palavras.

44. Médiuns falantes — Os médiuns audientes, que nada mais fazem do que transmitir o que ouvem, não são propriamente **médiuns falantes**, os quais, as mais das vezes, nada ouvem. Com eles, o Espírito atua sobre os órgãos da palavra, como atuam sobre a mão dos médiuns escreventes.

Querendo comunicar-se, o Espírito se serve do órgão que acha mais maleável: de um, utiliza-se da mão, de outro da palavra, de um terceiro da audição. Em geral, o médium falante se exprime sem ter consciência do que diz e diz amiúde coisas inteiramente fora do âmbito de suas idéias habituais, de seus conhecimentos e, até, fora do alcance da sua inteligência. Não é raro verem-se pessoas iletradas e de inteligência vulgar expressar-se, em tais momentos, com verdadeira eloquência e tratar, com incontestável superioridade, de questões sobre as quais seriam incapazes de emitir, no estado ordinário, uma opinião.

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo II)

Se bem esteja perfeitamente acordado quando exerce a sua faculdade, raro é que o médium falante guarde lembrança do que disse. Nem sempre, porém, é integral a sua passividade. Alguns há que têm intuição do que dizem, no próprio instante em que proferem as palavras.

Estas, no médium falante, são o instrumento de que se serve o Espírito com quem uma pessoa estranha pode entrar em comunicação, do mesmo modo que o pode fazer com o concurso de um médium audiente. Entre o médium falante e o médium audiente, há a diferença de que este fala voluntariamente para repetir o que ouve, ao passo que o outro fala involuntariamente.

(1) Para mais detalhes, ver o Livro dos Médiuns, questão 189.

45. Médiuns videntes — Dá-se esta qualificação às pessoas que, em estado normal e perfeitamente despertas, gozam da faculdade de ver os Espíritos. A possibilidade de vê-los em sonho resulta, sem contestação, de uma espécie de mediunidade, mas não são médiuns videntes, propriamente ditos. Expusemos a teoria deste fenômeno no capítulo:

“Visões e Aparições” de O Livro dos Médiuns.

São muito frequentes as aparições dos Espíritos às pessoas que os amaram, ou os conheceram na Terra. Conquanto os que costumam tê-las possam ser considerados médiuns videntes, esta denominação, em regra, só é dada aos que gozam, de modo mais ou menos permanente, da faculdade de ver quase que todos os Espíritos. Nesse número, há os que apenas vêem os Espíritos que são evocados e que eles conseguem descrever com minuciosa exatidão.

Descrevem-lhes os gestos com todos os pormenores, os traços fisionômicos, o vestuário e até os sentimentos de que parecem animados. Há outros em quem essa faculdade revela caráter ainda mais geral: são os que vêem toda a população espírita ambiente a movimentar-se, como se tratasse, poder-se-ia dizer, de seus negócios. Esses médiuns nunca estão sós; cerca-os sempre uma sociedade a cuja escolha podem proceder, livremente, porquanto podem, pela ação da vontade própria, afastar os Espíritos que lhes não convenha ter próximos de si, ou atrair os que lhes são simpáticos.

46. Médiuns sonambúlicos — Pode-se considerar o sonambulismo como uma variedade da faculdade mediúnica ou, antes, são duas ordens de fenômenos que frequentemente se encontram ligados. O sonâmbulo age sob a influência do seu próprio Espírito; sua própria alma é que, em momentos de emancipação, vê, ouve e percebe além dos limites dos sentidos. O que ele exprime haure-o de si mesmo; suas idéias são, em geral, mais justas do que no estado normal, mais extensos os seus conhecimentos, porque livre se lhe acha a alma. Em suma, ele vive antecipadamente a vida dos Espíritos. O médium, ao contrário, é instrumento de uma inteligência estranha; é passivo e o que diz não vem do seu próprio eu.

Em resumo: o sonâmbulo exprime seus próprios pensamentos e o médium exprime os de outrem. Mas, o Espírito que se comunica com um médium qualquer também pode comunicar-se com um sonambúlico. É até frequente o estado de emancipação da alma, durante o sonambulismo, tornar mais fácil essa comunicação. Muitos sonâmbulos vêem perfeitamente os Espíritos e os descrevem com tanta precisão, como os médiuns videntes; podem conversar com eles e transmitir-nos seus pensamentos; se o que dizem está fora do âmbito de seus conhecimentos pessoais, é que outros Espíritos lho sugerem.

47. Médiuns inspirados — Nestes médiuns, muito menos aparentes são do que nos outros os sinais exteriores da mediunidade; é toda intelectual e moral a ação que os Espíritos exercem sobre eles e se revela nas menores circunstâncias da vida, como nas maiores concepções. Sobretudo debaixo desse aspecto é que se pode dizer que todos são médiuns, porquanto ninguém há que não tenha Espíritos protetores e familiares a empregar todos os esforços por lhe

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo II)

sugerir salutares idéias. No inspirado, difícil muitas vezes se torna distinguir as idéias que lhe são próprias do que lhe é sugerido. A espontaneidade é principalmente o que caracteriza esta última. Nos grandes trabalhos da inteligência é onde mais se evidencia a inspiração. Os homens de gênio, de todas as categorias, artistas, sábios, literatos, oradores, são sem dúvida Espíritos adiantados, capazes, por si mesmos, de compreender e conhecer grandes coisas; ora, precisamente porque são considerados capazes, é que os Espíritos que visam à execução de certos trabalhos lhes sugerem as idéias necessárias, de sorte que na maioria dos casos eles são **médiuns sem o saberem**. Têm, contudo, vaga intuição de uma assistência estranha, porquanto aquele que apela para a inspiração nada mais faz do que uma evocação. Se não esperasse ser atendido, por que exclamaria, como tão amiúde sucede: Meu bom gênio, vem em meu auxílio!

48. Médiuns de pressentimentos — Pessoas há que, em dadas circunstâncias, têm uma imprecisa intuição das coisas futuras. Essa intuição pode provir de uma espécie de dupla vista, que faculta se entrevejam as consequências das coisas presentes; mas, doutras vezes, resulta de comunicações ocultas, que fazem de tais pessoas uma variedade dos **médiuns inspirados**.

49. Médiuns proféticos — É igualmente uma variedade dos médiuns inspirados. Recebem, com a permissão de Deus e com mais precisão do que os médiuns de pressentimentos, a revelação das coisas futuras, de interesse geral, que eles recebem o encargo de tornar conhecidas aos homens, para lhes servir de ensinamento.

De certo modo, o pressentimento é dado à maioria dos homens, para uso pessoal deles; o dom de profecia, ao contrário, é excepcional e implica a idéia de uma missão na Terra.

Todavia, se há verdadeiros profetas, maior é o número dos falsos, que tomam os devaneios da sua imaginação como revelações, quando não são velhacos que por ambição se fazem passar como profetas.

O profeta verdadeiro é **um homem de bem, inspirado por Deus**; pode ser reconhecido pelas suas palavras e pelas suas ações. Não é possível que Deus se sirva da boca do mentiroso **para ensinar a verdade**.

(O Livro dos Espíritos, nº 624.)

50. Médiuns escreventes ou psicógrafos — Essa denominação é dada às pessoas que escrevem sob a influência dos Espíritos. Assim como um Espírito pode atuar sobre os órgãos vocais de um médium falante e fazê-lo pronunciar palavras, também pode servir-se da sua mão para fazê-lo escrever. A mediunidade psicográfica apresenta três variedades bem distintas: os médiuns **mecânicos**, os **intuitivos** e os **semimecânicos**.

Com o médium mecânico, o Espírito lhe atua diretamente sobre a mão, impulsionando-a. O que caracteriza este gênero de mediunidade é a inconsciência absoluta, por parte do médium, do que sua mão escreve. O movimento desta independe da vontade do escrevente; movimenta-se sem interrupção, a despeito do médium, enquanto o Espírito tem alguma coisa a dizer, e pára desde que este último haja concluído.

Com o **médium intuitivo**, à transmissão do pensamento serve de intermediário o Espírito do médium. O outro Espírito, nesse caso, não atua sobre a mão para movê-la, atua sobre a alma, identificando-se com ela e imprimindo-lhe sua vontade e suas idéias. A alma recebe o pensamento do Espírito comunicante e o transcreve. Nesta situação, o médium escreve voluntariamente e tem consciência do que escreve, embora não grafe seus próprios pensamentos.

Torna-se frequentemente difícil distinguir o pensamento do médium do que lhe é sugerido, o que leva **muitos médiuns deste gênero a duvidar da sua faculdade**. Podem reconhecer-se os pensamentos sugeridos pelo fato de não serem nunca preconcebidos; eles surgem à proporção que o médium vai escrevendo e não raro são opostos à idéia que este previamente concebera. Podem mesmo estar fora dos conhecimentos e da capacidade do médium.

Há grande analogia entre a mediunidade intuitiva e a inspiração; a diferença consiste em que a primeira se restringe quase sempre a questões de atualidade e pode aplicar-se ao que esteja fora das capacidades intelectuais do médium; por intuição pode este último tratar de um assunto que

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo II)

lhe seja completamente estranho. A inspiração se estende por um campo mais vasto e geralmente vem em auxílio das capacidades e das preocupações do Espírito encarnado.

Os traços da mediunidade são, de regra, menos evidentes.

O médium **semimecânico**, ou **semi-intuitivo** participa dos outros dois gêneros. No médium puramente mecânico, o movimento da mão independe da sua vontade; no médium intuitivo, o movimento é voluntário e facultativo.

O médium semimecânico sente na mão uma impulsão dada mau grado seu, mas ao mesmo tempo tem consciência do que escreve, à medida que as palavras se formam. Com o primeiro, o pensamento vem depois do ato de escrever; com o segundo, precede-o; com o terceiro, acompanha-o.

51. Não sendo o médium mais do que um instrumento que recebe e transmite o pensamento de um Espírito estranho, que obedece à impulsão mecânica que lhe é dada, nada há que ele não possa fazer fora do campo de seus conhecimentos, se possui a maleabilidade e a aptidão mediúnica necessária.

Assim é que há médiuns **desenhistas, pintores, músicos, versejadores**, embora estranhos às artes do desenho, da pintura, da música e da poesia; médiuns iletrados, que escrevem sem saber ler, nem escrever; médiuns **polígrafos**, que reproduzem escritas de diversos gêneros e, algumas vezes, com perfeita exatidão, a que o Espírito tinha quando encarnado; médiuns **políglotas**, que escrevem ou falam em línguas que lhes são desconhecidas, etc.

52. Médiuns curadores — Consiste a mediunidade desta espécie na faculdade que certas pessoas possuem de curar pelo simples contacto, pela imposição das mãos, pelo olhar, por um gesto, mesmo sem o concurso de qualquer medicamento. Semelhante faculdade incontestavelmente tem o seu princípio na força magnética; difere desta, entretanto, pela energia e instantaneidade da ação ao passo que as curas magnéticas exigem um tratamento metódico, mais ou menos longo. Todos os magnetizadores são mais ou menos aptos a curar, se sabem proceder convenientemente; dispõem da ciência que adquiriram. Nos médiuns curadores, a faculdade é espontânea e alguns a possuem sem nunca ter ouvido falar de magnetismo.

A faculdade de curar pela imposição das mãos deriva evidentemente de uma força excepcional de expansão, mas diversas causas concorrem para aumentá-la, entre as quais são de colocar-se, na primeira linha: a pureza dos sentimentos, o desinteresse, a benevolência, o desejo ardente de proporcionar alívio, a prece fervorosa e a confiança em Deus; numa palavra: todas as qualidades morais. A força magnética é puramente orgânica; pode, como a força muscular, ser partilha de toda gente, mesmo do homem perverso; mas, só o homem de bem se serve dela exclusivamente para o bem, sem idéias ocultas de interesse pessoal, nem de satisfação de orgulho ou de vaidade. Mais depurado, o seu fluido possui propriedades benfazejas e reparadoras, que não pode ter o do homem vicioso ou interesseiro.

Todo efeito mediúnico, como já foi dito, resulta da combinação dos fluidos que emitem um Espírito e um médium.

Pela sua conjugação esses fluidos adquirem propriedades novas, que separadamente não teriam, ou, pelo menos, não teriam no mesmo grau. A prece, que é uma verdadeira evocação, atrai os bons Espíritos sempre solícitos em secundar os esforços do homem bem-intencionado; o fluido benéfico dos primeiros se casa facilmente com o do segundo, ao passo que o do homem vicioso se junta ao dos maus Espíritos que o cercam.

O homem de bem, que não dispusesse da força fluídica, pouca coisa conseguiria fazer por si mesmo, só lhe restando apelar para a assistência dos Espíritos bons, pois quase nula seria a sua ação pessoal; uma grande força fluídica, aliada à maior soma possível de qualidades morais, pode operar, em matéria de curas, verdadeiros prodígios.

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo II)

53. A ação fluídica, ao demais, é poderosamente secundada pela confiança do doente, e Deus quase sempre lhe recompensa a fé, concedendo-lhe o bom êxito.

54. Somente a superstição pode emprestar qualquer virtude a certas palavras e unicamente Espíritos ignorantes ou mentirosos podem alimentar semelhantes idéias, prescrevendo fórmulas. Pode, entretanto, acontecer que, para pessoas pouco esclarecidas e incapazes de compreender as coisas puramente espirituais, o uso de uma fórmula de prece ou de determinada prática contribua a lhes infundir confiança.

Nesse caso, porém, não é na fórmula que está a eficácia e sim na fé que aumentou com a idéia ligada ao emprego da fórmula.

55. Não se devem confundir os **médiuns curadores** com os **médiuns receitistas**, que são simples médiuns escreventes, cuja especialidade consiste em servirem mais facilmente de intérpretes aos Espíritos para as prescrições médicas; absolutamente mais não fazem que transmitir o pensamento do Espírito, sem exercerem, de si mesmos, nenhuma influência.

A Influência do médium na comunicação

O médium é passivo quando não mistura, suas ideias com as do Espírito

1. Sendo a mediunidade, basicamente, um processo de comunicação que tem no médium o seu instrumento de intermediação, não é difícil entender que a mensagem comunicada sofrerá sempre uma maior ou menor influência do mediano. É isso que o Espiritismo nos ensina e o que a prática vem demonstrando. A alma do médium exerce, efetivamente, influência nas comunicações mediúnicas e pode até mesmo alterar-lhes o conteúdo e assimilá-las às suas próprias ideias e pendores.

2. Esse complexo aspecto da mediunidade pode levar alguns iniciantes mais afoitos à incredulidade. Devemos, contudo, entender que, pela sua própria característica, essa influência faz parte do seu funcionamento, uma vez que, por mais passivo que seja o médium, deverá ter sempre uma postura de vigilância durante o processo mediúnico para o adequado uso de sua faculdade, o que implica acompanhar toda a manifestação mediúnica de uma forma mais ou menos acentuada.

3. O conceito de passividade mediúnica é tratado por Kardec em “O Livro dos Médiuns”, no item 223, em que aprendemos que o médium é passivo quando não mistura, suas próprias ideias com as do Espírito que se comunica. Entenda-se, porém, que o papel do médium nunca é inteiramente nulo e seu concurso é sempre indispensável, ainda que se trate de médiuns mecânicos. Em face disso, inexiste a passividade absoluta.

4. Nos processos de comunicação mediúnica inconsciente, em que o Espírito comunicante utiliza-se dos recursos do médium sem fazer a mensagem passar totalmente pelo seu pensamento, o grau de influência do mediano é bem mais reduzido, diferentemente do que ocorre quando se trata de comunicação consciente, em que a mensagem é transmitida via pensamento do médium. É por isso que, no tocante aos médiuns escreventes ou psicógrafos, o ensino espírita os classifica em três variedades bem distintas: médiuns mecânicos, intuitivos e semimecânicos.

Há grande analogia entre a mediunidade intuitiva e a inspiração

5. No caso dos médiuns mecânicos, o Espírito comunicante age diretamente sobre a mão do médium, impulsionando-a. Neste gênero de mediunidade, o médium não tem nenhum conhecimento do que a sua mão escreve, uma vez que o movimento dela independe da sua vontade e para quando o Espírito assim o deseja. Registre-se, porém, que mesmo nesses casos a influência do médium jamais é nula.

6. No caso dos médiuns intuitivos, o Espírito comunicante utiliza-se do Espírito do médium para transmitir a mensagem, identificando-se com ele e imprimindo-lhe sua vontade e suas ideias. Este gênero de mediunidade permite ao Espírito do médium tomar conhecimento prévio do que vai escrever.

7. Um fato curioso, no entanto, ocorre neste gênero de comunicação, porque, embora perceba a presença e o pensamento do Espírito comunicante, o médium sente, muitas vezes, dificuldade em distinguir o seu próprio pensamento do que lhe é sugerido. E quando a dúvida se instala de forma mais acentuada, a mensagem fica praticamente prejudicada. Neste gênero de mediunidade, a influência do mediano é, como foi dito, anteriormente, muito mais acentuada.

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo II)

8. Há grande analogia entre a mediunidade intuitiva e a inspiração. A diferença consiste em que a primeira se restringe quase sempre a questões de atualidade, podendo o médium, por intuição, tratar de um assunto que lhe seja inteiramente estranho. A inspiração estende-se por um campo mais vasto e, geralmente, vem em auxílio das capacidades e das preocupações do encarnado.

O médium semimecânico sabe o que escreve à medida que as palavras se formam

9. No caso dos médiuns semimecânicos, também chamados de semi-intuitivos, verifica-se uma situação intermediária entre o mecânico e o intuitivo. O Espírito comunicante age diretamente sobre a mão do médium e, ao mesmo tempo, lhe permite conhecer o que está escrevendo à medida que as palavras se formam. Neste gênero de mediunidade, a influência do médium é também intermediária, ou seja, não é tão acentuada como no caso dos médiuns intuitivos nem tão reduzida como no caso dos médiuns mecânicos.

10. Além desse tipo de influência relacionada com a execução da prática mediúnica, ocorre ainda uma influência maior do médium no tocante ao aspecto moral do exercício da faculdade mediúnica. Reconhecendo-se o fato de que toda atividade mediúnica assenta-se no princípio da afinidade, não é difícil compreender a relevância dessa influência.

11. Quanto mais elevado moralmente for o medianeiro, maior afinidade terá ele com Espíritos de maior envergadura moral e poderá, desse modo, receber comunicações de conteúdo mais elevado.

12. Eis aí o motivo da conhecida recomendação, contida no item 227 de “O Livro dos Médiuns”, para que cultivemos as virtudes que atraem os bons Espíritos, ou seja, a bondade, a benevolência, a simplicidade de coração, o amor ao próximo e o desprendimento das coisas materiais, e evitemos tudo quanto possa repeli-los, como o orgulho, o egoísmo, a inveja, a ciúme, a cupidez, o ódio, a sensualidade e todas as paixões que ligam o homem à matéria.

O Médium: conceito e classificação

A faculdade mediúnica não constitui um privilégio exclusivo

1. Na lição 19 do Programa II deste Estudo Sistematizado, em que foram examinados os Princípios Básicos da Doutrina Espírita, já vimos o conceito de mediunidade e a classificação dos principais tipos e variedades de médiuns. (Consulte a respeito o texto publicado na edição 19 desta revista.)

2. Ao rever o assunto, relembremos a definição de médium que Kardec inseriu no item 159 d'O Livro dos Médiuns: "Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela não possuam alguns rudimentos. Pode, pois, dizer-se que todos são, mais ou menos, médiuns. Todavia, usualmente, assim só se qualificam aqueles em quem a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva. É de notar, além disso, que essa faculdade não se revela, da mesma maneira, em todos. Geralmente, os médiuns têm uma aptidão especial para os fenômenos desta ou daquela ordem, donde resulta que formam tantas variedades quantas são as espécies de manifestações".

3. A definição dada pelo Codificador do Espiritismo é, sem dúvida, a mais completa e abrangente; mas é preciso que entendamos que a faculdade mediúnica não libera o homem, por si só, das influências dos Espíritos malévolos. A faculdade em si é, na realidade, neutra. O uso que o homem faz dela é o que importa. Ao empregá-la, podemos nos harmonizar com os bons Espíritos ou relacionar-nos com os maus. A sintonia é, portanto, fundamental na prática mediúnica.

A mente permanece na base de todos os fenômenos mediúnicos

4. Dando-nos a oportunidade de rejeitar as más influências espirituais e acatar as que provenham dos bons Espíritos, a mediunidade torna-se assim um instrumento de aperfeiçoamento espiritual. Como sabemos, os Espíritos benfazejos procuram inspirar-nos para o bem, enquanto Espíritos inferiores buscam induzir-nos ao mal.

5. Em nossa caminhada evolutiva, somos todos instrumentos das forças com as quais sintonizamos. Todos somos médiuns dentro do campo mental que nos é próprio. Se o nosso pensamento flui na direção da vida superior, associamo-nos às energias edificantes. Se nos escravizamos às sombras da vida primitivista ou torturada, entramos em sintonia com forças perturbadoras e deprimentes.

6. Cada criatura emite raios específicos e vive na onda espiritual com que se identifica. A mente, ensinam os instrutores espirituais, permanece na base de todos os fenômenos mediúnicos. Cada alma se envolve no círculo de forças vivas que transpiram do seu "hálito mental". Agimos e reagimos uns sobre os outros, por meio da energia mental em que nos renovamos constantemente.

O mais cruel inimigo dos médiuns é o orgulho

7. Assevera Emmanuel que os médiuns, em sua generalidade, "são Espíritos que resgatam débitos do passado", o que explica por que é difícil à criatura humana cumprir integralmente, sem enfrentar obstáculos, os deveres que a faculdade mediúnica lhe assinala na existência.

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo II)

8. No cap. XXXI d'O Livro dos Médiuns, Kardec inseriu diversas dissertações em que vultos importantes na obra da Codificação do Espiritismo tratam do tema que ora focalizamos.

9. Vejamos trechos de algumas dessas mensagens:

“Todos os homens são médiuns, todos têm um Espírito que os dirige para o bem, quando sabem escutá-lo.” (Channing.)

“O dom da mediunidade é tão antigo quanto o mundo. Os profetas eram médiuns.”
(Pierre Jouty.)

“As faculdades de que gozam os médiuns lhes granjeiam os elogios dos homens. As felicitações, as adulações, eis, para eles, o escolho.
Nunca me cansarei de recomendar-vos que vos confieis ao vosso anjo guardião, para que vos ajude a estar sempre em guarda contra o vosso mais cruel inimigo, que é o orgulho.”
(Jeanne D'Arc)

“Quando quiserdes receber comunicações de bons Espíritos, importa vos prepareis para esse favor pelo reconhecimento, por intenções puras e pelo desejo de fazer o bem, tendo em vista o progresso geral.” (Pascal.)

“Falar-vos-ei hoje do desinteresse, que deve ser uma das qualidades essenciais dos médiuns, tanto quanto a modéstia e o devotamento. Não é racional se suponha que Espíritos bons possam auxiliar quem vise satisfazer ao orgulho ou à ambição.” (Delfine de Girardin.)

“Todos os médiuns são, incontestavelmente, chamados a servir à causa do Espiritismo, na medida de suas faculdades, mas bem poucos há que não se deixam prender nas armadilhas do amor-próprio.
Lembrem-se sempre destas palavras: Aquele que se exaltar será humilhado e o que se humilhar será exalçado.” (O Espírito de Verdade.)

VIII – Obsessão e possessão

56. A obsessão consiste no domínio que os maus Espíritos assumem sobre certas pessoas, com o objetivo de as escravizar e submeter à vontade deles, pelo prazer que experimentam em fazer o mal.

Quando um Espírito, bom ou mau, quer atuar sobre um indivíduo, envolve-o, por assim dizer, no seu perispírito, como se fora um manto. Interpenetrando-se os fluidos, os pensamentos e as vontades dos dois se confundem e o Espírito, então, se serve do corpo do indivíduo, como se fosse seu, fazendo-o agir à sua vontade, falar, escrever, desenhar, quais os médiuns. Se o Espírito é bom, sua atuação é suave, benfazeja, não impele o indivíduo senão à prática de atos bons; se é mau, força-o a ações más. Se é perverso e malfazejo, aperta-o como numa teia, paralisa-lhe até a vontade e mesmo o juízo, que ele abafa com o seu fluido, como se abafa o fogo sob uma camada d'água. Fá-lo pensar, falar, agir em seu lugar, impele-o, a seu mau grado, a atos extravagantes ou ridículos; magnetiza-o, em suma, lança-o num estado de catalepsia moral e o indivíduo se torna um instrumento da sua vontade. Tal a origem da obsessão, da fascinação e da subjugação que se produzem em graus muito diversos de integridade. À subjugação, quando no paroxismo, é que vulgarmente dão o nome de **possessão**.

É de notar-se que, nesse estado, o indivíduo tem muitas vezes consciência de que o que faz é ridículo, mas é forçado a fazê-lo, tal como se um homem mais vigoroso do que ele o obrigasse a mover, contra a vontade, os braços, as pernas e a língua.

57. Pois que os Espíritos existiram em todos os tempos, também desde todos os tempos representaram o mesmo papel, porque esse papel é da natureza e a prova está no grande número que sempre houve de pessoas obsidiadas, ou possessas, se o preferirem, antes que se falasse de Espíritos, ou que, nos dias atuais, se ouvisse falar de Espiritismo, nem de médiuns. É, pois, espontânea a ação dos Espíritos, bons ou maus; a destes produz uma imensidade de perturbações na economia moral e mesmo física, perturbações que, por ignorância da verdadeira causa, atribuíam a causas errôneas. Os Espíritos maus são inimigos invisíveis, tanto mais perigosos, quanto da ação deles não se suspeitava. Desmascarando-os, o Espiritismo revela uma nova causa de certos males da Humanidade. Conhecida a causa, não mais se procurará combater o mal por meios que já se sabem inúteis; procurar-se-ão outros mais eficazes.

Ora, que foi o que fez se descobrisse aquela causa? A mediunidade. Foi pela mediunidade que esses inimigos ocultos traíram a sua presença; ela foi para eles o que o microscópio foi para os infinitamente pequenos: revelou todo um mundo. O Espiritismo não atraiu os maus Espíritos: desvendou-os e forneceu os meios de se lhes paralisar a ação e, por conseguinte, de afastá-los. Não foi ele quem trouxe o mal, visto que o mal existe desde todos os tempos; ele, ao contrário, dá remédio ao mal, apontando-lhe a causa. Uma vez reconhecida a ação do mundo invisível, ter-se-á a explicação de um sem-número de fenômenos incompreendidos e a Ciência, enriquecida com o conhecimento dessa nova lei, verá abrir-se diante de si novos horizontes. **Quando chegará ela a isso? Quando deixar de professar o materialismo**, porquanto o materialismo lhe detém o voo, opondo-lhe intransponível barreira.

58. Pois que há Espíritos maus que obsidiam e Espíritos bons que protegem, perguntam muitos se os primeiros são mais poderosos do que os segundos.

Não é que o bom Espírito seja mais fraco; o médium é que não tem força bastante para alijar de si o manto que lhe atiraram em cima, para se desprender dos braços que o enlaçam e nos quais, cumpre dizê-lo, às vezes se compraz.

Neste caso, compreende-se que o bom Espírito não possa levar vantagem, pois que o outro é preferido. Admitamos, porém, que a vítima deseje desembaraçar-se do envoltório fluídico que penetra o seu, como a umidade penetra as roupas.

Esse desejo nem sempre bastará. A própria vontade nem sempre é suficiente.

Trata-se de lutar contra um adversário. Ora, quando dois homens lutam corpo a corpo, aquele que dispõe de mais fortes músculos é que abate o outro. Com um Espírito tem-se de lutar, não corpo a

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo II)

corpo, mas Espírito a Espírito e é ainda o mais forte que triunfa. Aqui, a força reside na autoridade que se possa exercer sobre o obsessivo e essa autoridade está subordinada à superioridade moral. Esta é como o Sol que dissipa o nevoeiro pela potencialidade dos seus raios. Esforçar-se por ser bom, por se tornar melhor se já é bom, por purificar-se de suas imperfeições, por, numa palavra, elevar-se moralmente o mais possível, tal o meio de o encarnado adquirir o poder de mandar sobre os Espíritos inferiores, para os afastar. De outro modo estes zombarão das suas injunções.

(O Livro dos Médiuns, nos 252 e 279.)

Entretanto, objetar-se-á, por que os Espíritos protetores não lhes ordenam que se retirem? Sem dúvida, podem fazê-lo e algumas vezes o fazem. Mas, permitindo a luta, deixam ao atacado o mérito da vitória. Se consentem que se debatam criaturas que, sob certos aspectos, têm seus merecimentos, é para lhes experimentar a perseverança e para levá-las a adquirir **mais força** no campo do bem. A luta é uma espécie de **ginástica moral**.

Muitas pessoas prefeririam certamente outra receita mais fácil para repelirem os maus Espíritos: por exemplo, algumas palavras que se proferissem, ou alguns sinais que se fizessem, o que seria mais simples do que corrigir-se alguém de seus defeitos. Sentimos muito; porém, nenhum meio eficaz conhecemos de **vencer-se um inimigo, senão o fazer-se mais forte que ele**. Quando estamos doentes, temos que resignar-nos a tomar um medicamento, por muito amargo que seja; mas, também, se tivermos tido a coragem de bebê-lo, como nos sentimos bem e fortes! Temos pois que nos persuadir de que não há, para alcançarmos aquele resultado, nem palavras sacramentais, nem fórmulas, nem talismãs, nem sinais materiais quaisquer. De tudo isso riem-se os maus Espíritos e não raro se comprazem em indicar alguns, tendo sempre o cuidado de afirmá-los infalíveis, para melhormente captarem a confiança daqueles a quem querem iludir, porque, então, estes, confiantes nas virtudes do processo aconselhado, se entregam sem receio.

Antes de pretender, quem quer que seja, domar um Espírito mau, precisa cuidar de domar-se a si mesmo. De todos os meios de adquirir-se força para chegar a isso, o mais eficiente é a vontade secundada pela prece, a prece do coração, entenda-se, e não a de palavras, das quais a boca participa mais do que o pensamento. Precisamos pedir ao nosso anjo guardião e aos bons Espíritos que nos assistam na luta; não basta, porém, lhes pedarmos que afastem o Espírito mau; devemos lembrar-nos desta máxima: **ajuda-te a ti mesmo e o céu te ajudará** e rogar-lhes, sobretudo, a força que nos falta para vencermos os nossos maus pendores, que são, para nós, piores que os maus Espíritos, porquanto são esses pendores que os atraem, como a podridão atrai as aves de rapina. Orando também pelo Espírito obsessivo, retribuir-lhe-emos com o bem o mal que nos queira e nos mostraremos melhores do que ele, o que já é uma superioridade. Com perseverança, acaba-se as mais das vezes por induzi-lo à posse de melhores sentimentos e a transformá-lo de perseguidor em amigo grato.

Em resumo: a prece fervorosa e os esforços sérios que a criatura faça por melhorar-se constituem os únicos meios de ela afastar os maus Espíritos, que reconhecem como seus senhores aqueles que praticam o bem, enquanto que as fórmulas lhes provocam o riso, do mesmo modo que a cólera e a impaciência os excitam. Precisa o perseguido cansá-los, demonstrando-se mais paciente do que eles.

Por vezes acontece que a subjugação avulta até ao ponto de paralisar a vontade do obsidiado, do qual nenhuma ajuda séria pode esperar-se. Aí, principalmente, é que a intervenção de terceiros se torna necessária, quer por meio da prece, quer pela ação magnética. Mas, também a força dessa intervenção depende do ascendente moral que os interventores possam ter sobre os Espíritos; se não valerem mais do que estes, improfícua será a ação que desenvolvam.

A ação magnética, no caso, tem por efeito introduzir no fluido do obsidiado um fluido melhor e eliminar o do mau Espírito. Ao operar, deve o magnetizador objetivar duplo fim: o de opor a uma força moral outra força moral e produzir sobre o paciente uma espécie de reação química, para nos servirmos de uma comparação material, expelindo um fluido com o auxílio de outro fluido. Dessa forma, não só opera um desprendimento salutar, como igualmente fortalece os órgãos enfraquecidos por longa e vigorosa constrição. Compreende-se, em suma, que o poder da ação fluidica está na razão direta não somente da energia da vontade, mas, sobretudo, da qualidade do

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo II)

fluido introduzido e, segundo o que deixamos dito, que essa qualidade depende da instrução e das qualidades morais do magnetizador.

Daí se segue que um magnetizador ordinário, que atuasse maquinalmente, apenas por magnetizar, fraco ou nenhum efeito produziria. É de toda a necessidade um magnetizador **espírita**, que atue com conhecimento de causa, com a intenção de obter, não o sonambulismo ou uma cura orgânica, porém, os resultados que vimos de descrever.

É, além disso, evidente que uma ação magnética dirigida neste sentido não pode deixar de ser muito proveitosa nos casos de obsessão ordinária, porque, então, se o magnetizador tem a auxiliá-lo a vontade do obsidiado, o Espírito se vê combatido por dois adversários em lugar de um. Cumpre também dizer que amiúde se atribuem aos Espíritos maldades de que eles são inocentes. Alguns estados doentios e certas aberrações que se lançam à conta de uma causa oculta, derivam do Espírito do próprio indivíduo. As contrariedades que de ordinário cada um concentra em si mesmo, principalmente os desgostos amorosos, dão lugar, com freqüência, a atos excêntricos, que fora errôneo considerar-se fruto da obsessão. O homem não raramente é o obsessivo de si mesmo.

Acrescentemos, por fim, que algumas obsessões tenazes, sobretudo em pessoas de mérito, fazem às vezes parte das provações a que essas pessoas estão sujeitas. Acontece mesmo que a obsessão, quando simples, é uma tarefa imposta ao obsidiado, qual a de trabalhar pela regeneração do obsessivo, como um pai pela de um filho vicioso.

(Para maiores particularidades, veja-se O Livro dos Médiuns.)

Em geral, a prece é poderoso meio auxiliar da libertação dos obsidiados; nunca, porém, a prece só de palavras, dita com indiferença e como uma fórmula banal, será eficaz em semelhante caso. Faz-se mister uma prece ardente, que seja ao mesmo tempo uma como magnetização mental. Pelo pensamento, pode-se encaminhar para o paciente uma corrente fluidica salutar, cuja potência guarda relação com a intenção.

A prece, pois, não tem apenas por efeito invocar um auxílio estranho, mas exercer uma ação fluidica. O que uma pessoa, só, não pode fazer, podem-no, quase sempre, muitas pessoas unidas pela intenção numa prece coletiva e reiterada, visto que o número aumenta a potencialidade da ação.

59. A experiência comprova a ineficácia do exorcismo, nos casos de possessão, e provado está que quase sempre aumenta o mal, em vez de atenuá-lo. A razão se encontra em que a influência está toda no ascendente moral exercido sobre os maus Espíritos e não num ato exterior, na virtude das palavras e dos gestos. O exorcismo consiste em cerimônias e fórmulas de que zombam os maus Espíritos que, entretanto, cedem à autoridade moral que se lhes impõe.

Eles veem que os querem dominar por meios impotentes, que pensam intimidá-los por um vão aparato e, então, se empenham em mostrar-se os mais fortes e para isso redobram de esforços. São quais cavalos espantadiços que dão em terra com o cavaleiro inábil e que obedecem quando topam com um que os governa. Ora, aqui, quem realmente manda é o homem de coração mais puro, porque é a ele que os bons Espíritos de preferência atendem.

60. O que pode um Espírito fazer com um indivíduo, podem-no muitos Espíritos com muitos indivíduos simultaneamente e dar à obsessão caráter epidêmico. Uma nuvem de maus Espíritos invade uma localidade e aí se manifestam de diversas maneiras. Foi uma epidemia desse gênero que se abateu sobre a Judeia ao tempo do Cristo. Ora, o Cristo, pela sua imensa superioridade moral, tinha sobre os demônios ou maus Espíritos tal autoridade, que bastava lhes ordenasse que se retirassem para que eles o fizessem e, para isso, não empregava fórmulas nem gestos ou sinais.

61. O Espiritismo se funda na observação dos fatos que resultam das relações entre o mundo visível e o mundo invisível. Estando na ordem dos da natureza, esses fatos se produziram em todas as épocas e abundam principalmente nos livros sagrados de todas as religiões, pois que

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo II)

serviram de base à maioria das crenças. Por não os terem os homens compreendido, é que a Bíblia e os Evangelhos apresentam tantas passagens obscuras e que foram interpretadas em sentidos diferentes. O Espiritismo traz a chave que lhes facilitará a inteligência.

Crônicas e Artigos

320 – 14/07/2013

O Consolador – (Marco Milani)

VIII – OBSESSÃO E POSSESSÃO

Possessão e Obsessão

Apesar de naturalmente compreensível para os estudiosos do Espiritismo, pode parecer estranho àqueles que não se aprofundaram adequadamente no tema as seguintes afirmações: Possessão é um fenômeno possível e este não é, invariavelmente, uma obsessão.

Este entendimento requer uma consulta criteriosa à Codificação, pois se trata de assunto que o próprio Kardec revisou durante sua obra e, diante de fatos, desenvolveu o sentido que aparentemente havia firmado desde 1857 no Livro dos Espíritos (LE). Somente a partir de 1863, na Revista Espírita, o Codificador reviu o conceito de possessão, admitindo a sua existência não mais como subjugação, mas em seu sentido exato. Sobre o caso verificado da Srta. Julie (RE – Dez/1863), Kardec se expressou da seguinte maneira:

“Temos dito que não havia possessos (ver LE-473, por exemplo) no sentido vulgar do vocábulo, mas somente subjugados. Voltamos a esta asserção absoluta porque agora nos é demonstrado que pode haver verdadeira possessão, isto é, substituição, posto que parcial, de um Espírito errante a um encarnado”.

Kardec, como pesquisador sério e responsável, retomou um conceito que ele, inicialmente, considerava já definido, mas que se evidenciou, através de fatos comprovados e pelo crivo racional, com diferente aceção. Este é um exemplo do dinamismo da Doutrina, que só pode ocorrer quando validado pela razão e demonstrado irrefutavelmente.

Para melhor diferenciação, devemos conceituar estes termos conforme encontramos no livro A Gênese (GEN – Cap. XIV – itens 45 a 49):

A) Obsessão é a ação persistente que um mau Espírito exerce sobre um indivíduo. Apresenta caracteres muito diferentes, desde a simples influência moral sem sinais exteriores sensíveis até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais.

B) Possessão é a ação que um Espírito exerce sobre um indivíduo encarnado, substituindo-o temporariamente em seu próprio corpo material. Esta ação não é permanente, considerando que a união molecular do perispírito ao corpo opera-se somente no momento da concepção.

A diferença no processo de comunicação entre os fenômenos de psicofonia e de possessão também pode ser evidenciada. No primeiro, o Espírito comunicante transmite seus pensamentos ao encarnado e este se encarrega de retransmitir conforme seus próprios recursos; no segundo caso, é o próprio desencarnado que se serve (apossa-se) diretamente do corpo material e transmite a sua mensagem (o Espírito encarnado afasta-se, mas ainda, permanece ligado ao seu envoltório físico).

Esclarecendo objetivamente que a possessão pode ser promovida por um Espírito bom, encontramos (GEN – Cap. XIV – item 48):

“A obsessão sempre é o resultado da atuação de um Espírito malfeitor. A possessão pode ser o feito de um bom Espírito que quer falar e, para fazer mais impressão sobre os seus ouvintes, toma emprestado o corpo de um encarnado, que este lhe cede voluntariamente tal como se empresta uma roupa. Isto se faz sem nenhuma perturbação ou incômodo e, durante este tempo, o Espírito se encontra em liberdade como num estado de emancipação e frequentemente se conserva ao lado de seu substituto para o ouvir”.

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo II)

Obviamente, a possessão também pode ocorrer através de um Espírito malfeitor e neste caso caracteriza-se um processo obsessivo. Assim ocorre quando a vítima não possui força moral para resistir à agressão e é obrigada a afastar-se temporariamente de seu corpo (obs.: mais uma vez é importante ressaltar que nestes momentos a vítima permanece ligada ao corpo, mas sem o seu domínio).

Considerando o presente nível moral da humanidade não é de se estranhar que haja muito mais casos de possessões obsessivas do que aquelas com finalidades edificantes.

O Espiritismo, mais uma vez, lança luzes sobre males ainda considerados pelas ciências materialistas como de causa patológica. Não descartando esta possibilidade (anormalidade orgânica), a Doutrina Espírita faz conhecer outras fontes das misérias humanas, mantidas pela fragilidade moral dos seres. Inteligência e Amor são as armas para se combater desequilíbrios.

Geralmente se referem a experiências individuais (como a da Srta. Julie, citada anteriormente), mas Kardec também relata ocorrências de possessão coletiva (ver RE – 1862/63 – casos em Morzine e Tananarive).

Assim, contribuindo para o real entendimento deste processo, devemos distinguir os fenômenos de possessão e obsessão. A possessão ocorre e pode ser boa ou má; a obsessão sempre é má. Portanto, nem toda possessão é obsessão.